THOT

UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA - Nº 60 1995

entrevista
Isabel Allende

Gregory Bateson
um cérebro privilegiado

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP 04003-010 - Fones: (011) 288.7356 e 283.0867

◆

GRÁFICA E EDITORA
PALAS ATHENA

Rua Serra de Paracaina, 240 - Cambuci - São Paulo - SP
CEP 01522-020 - Fones: (011) 279-6288 e 270-6979

◆

CENTRO PEDAGÓGICO
CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza, 551 - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP 12250-000

◆

CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP 17015-450 - Fone: (0142) 23.4424

◆

CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP 11065-300

THOT é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT nº 60 - março 1995
tiragem: 6.000 exemplares

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Lia Diskin, Basilio Pawlowicz, Primo Augusto Gerbelli **Edição de Texto:** Graciela Karman - **Edição de Arte e Editoração Eletrônica:** Roberto Sanz **Revisão Técnica:** Lia Diskin - **Revisão de Provas:** Lucia Benfatti Marques, Therezinha Siqueira Campos - **Equipe Thot:** Carmen Fischer, Daniela Katzenstein, Daniela Moreau, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria do Carmo de Oliveira, Maria Léa Schwarcz, Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer, Verônica Rapp de Eston - **Produção:** Basilio Pawlowicz, Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Rosa Maria Indátillo **Colaboradores:** Maria Cristina Flores (Argentina), Álvaro Celso Guimarães (Bélgica), Humberto Mariotti, Takeshi Assaoka (Brasil), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimovski (EUA). **Jornalista Responsável:** Graciela Karman.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil - Rua Leôncio de Carvalho, 99 - São Paulo - SP - CEP 04003-010 Fones: 288.7356 e 283.0867.
A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Boas notícias que merecem destaque

Todos sabemos quanto nos custa mudar hábitos de vida, mesmo para implementar atividades que, temos certeza, são boas para nós. Se essa dificuldade é fato no âmbito individual, no coletivo não poderia ser de outro modo. Uma queixa freqüente é acerca da lentidão em efetivar mudanças já ratificadas em fóruns internacionais ou pelo consenso nacional. Exemplo disso é a Agenda 21, compromisso assumido pelos governos de 179 nações na ECO 92.

Contudo, grande parte dessas queixas advém do desconhecimento de inúmeros esforços feitos no mundo todo para quebrar resistências, hábitos de comportamento e medo de mudanças. A partir deste número 60, a revista *THOT* passa a publicar a seção PAINEL, para levar ao leitor brasileiro informações e notícias que encontram pouco ou nenhum espaço nos meios de comunicação em geral. São essas, no entanto, as notícias que revelam os esforços, na maioria das vezes anônimos, que alimentam incansavelmente nossas reservas de esperança, de renovação e de utopia.

Os editores

ÍNDICE

Entrevista: Isabel Allende 2
Michael Toms

O Ano da Tolerância: Depoimentos 12

A cerimônia do Chá 18
Muriyama Coen-San

O pensador G. Bateson 23
Humberto Mariotti

Painel informativo 28

Mandala. Do livro *Ioga, imortalidade e liberdade* 31
Mircea Eliade

Jacob Boehme, filósofo 37
Américo Sommerman

Epifanias 40
Uma história do Talmude

Capa: Pintura de Norman Rockwell, inspirada na Regra Áurea da Thanks-Giving Square Foundation

ENTREVISTA DE MICHAEL TOMS

ISABEL ALLENDE

UMA VOZ DAS ENTRANHAS

A escritora Isabel Allende fala de seu processo visceral de criação em que vivos e mortos, ficção e realidade se misturam.

Foto de Marcia Lieberman

A sobrinha de Salvador Allende, ex-presidente do Chile, nasceu em Lima, Peru, para onde seu pai diplomata havia sido transferido. Seus pais divorciaram-se quando Isabel tinha três anos e a mãe voltou com ela para o Chile, onde foram viver com os avós maternos em Santiago. Isabel passou muitos anos da infância na casa que serviria de inspiração para a mansão familiar descrita em seu primeiro livro, *A Casa dos Espíritos*. Após o segundo casamento da mãe, também com um diplomata, Isabel viveu em vários países da Europa e Oriente Médio, uma vez que a família acompanhava o padrasto em sua carreira diplomática.

O primeiro emprego, aos 17 anos, foi de secretária na Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. Designada para o Departamento de Informações, Isabel começou imediatamente a trabalhar com jornalistas. Enquanto trabalhava ali, casou-se com seu primeiro marido, um engenheiro, com quem teve dois filhos, Paula e Nicolás. Em 1965, decidiu tornar-se jornalista free-lance.

Em 1973 o mundo de Isabel Allende sofreu uma transformação irreversível. Salvador Allende foi assassinado no golpe militar contra seu governo socialista. Descrevendo o efeito do acontecimento, certa vez Isabel disse: "Acho que minha vida ficou dividida entre antes e depois daquele dia... Naquele momento, percebi que tudo era possível... que a violência era uma dimensão que sempre se encontrava presente".

Obrigada a deixar o país, Isabel acabou instalando-se com sua família na Venezuela. Foi lá, em 1981, que começou a escrever *A Casa dos Espíritos*, narrando a saga de três gerações de uma família envolvida com a recente história de violência do Chile. Após essa impressionante estréia, publicou *De Amor e de Sombra, Eva Luna, Histórias de Eva Luna* – todos best-sellers internacionais – e, em 1993, *Plano Infinito*, seu primeiro romance situado fora da América Latina. Divorciada em 1987, Isabel vive hoje em San Rafael, Califórnia, com seu segundo marido.

A entrevista a seguir foi concedida a Michael Toms, da rádio New Dimensions, e posteriormente reproduzida pela revista *Common Boundary*.

MICHAEL TOMS – *Você começou sua carreira escrevendo como jornalista. Como se tornou escritora de ficção?*
ISABEL ALLENDE – Não tive escolha. Tinha estado em silêncio por muito tempo, paralisada pela experiência do exílio e pelas perdas na minha família. Então, um dia – era 8 de janeiro de 1981 – soube que meu avô, que vivia no Chile, estava prestes a morrer. Quando eu era pequena, ele era a figura masculina mais importante da minha vida. De maneira que comecei a escrever uma carta – uma espécie de carta espiritual – para dizer-lhe adeus e, também, que ele podia ir em paz, porque eu guardara na memória todos os casos que ele tinha me contado, todas suas lembranças; que eu não tinha esquecido nada. Comecei a escrever a primeira história que ele me contara, o caso de minha tia Rosa, que todo mundo dizia ter sido muito linda. Mas a carta acabou virando outra coisa. Comecei a "roubar" as vidas de outras pessoas e entraram outros personagens. De repente, estava escrevendo ficção. Mas eu não sabia o que era aquilo. Para mim, continuava sendo uma carta. Quando já tinha quinhentas páginas, não me parecia mais uma carta. Então, meu avô morreu. Portanto, jamais a receberia.

MT – *Quando você percebeu que tinha um livro nas mãos, foi fácil publicá-lo?*
IA – Não. Foi muito difícil. Eu não sabia que aquilo era um livro. Dei-o à minha mãe, que disse: "Não sei, mas isto me parece um romance". Ela me ajudou a corrigi-lo e editá-lo e o enviei a vários editores da América Latina. Nenhum quis lê-lo. Era um primeiro romance, um texto muito longo e prolixo. Ninguém me conhecia e eu tinha um sobrenome muito político. Era uma coisa muito arriscada para os editores. Então, um dia, a secretária de uma das editoras me telefonou dizendo: "Eles não vão publicar este livro. Por que não o manda para uma agência?" Eu não sabia que existiam agentes literários. Achava que existiam apenas agentes esportivos. Mandei o livro à pessoa que ela me recomendou em Barcelona. A agência se encarregou de que o livro fosse publicado, traduzido, revisto e distribuído. Portanto, tive muita sorte.

MT – *Você escreve em espanhol, não é?*
IA – Sim, só em espanhol.

MT – *Já tentou escrever em inglês?*
IA – Não. Posso escrever um discurso em inglês, ou uma carta, mas não ficção. A ficção é algo que acontece comigo independente de mim. Ela ocorre em minhas entranhas, não na minha mente. É como fazer amor ou parir. Só acontece na língua da gente, suponho.

MT – *Como você começa a escrever um livro?*
IA – Sempre começo meus livros no mesmo dia – 8 de janeiro – e com um ritual que foi se tornando cada vez mais sofisticado. Sabe, escrever um romance é um investimento a longo prazo: pode levar dois ou três anos. A gente tem que se apaixonar por ele; tem realmente que familiarizar-se com os espíritos do livro. Os personagens têm que entrar em sua vida, no espaço no qual você vai escrever e você tem que dar-lhes boas-vindas. Precisei de ajuda e inspiração. Minha mãe, minha filha, que morreu recentemente, e minha avó, que morreu há muito tempo, me ajudam. No ritual, eu lhes dou as boas-vindas e lhes peço ajuda. Todas as manhãs, quando estou escrevendo, acendo uma vela para elas. Elas estão ali presentes. Seus espíritos estão comigo.
Entro no estado de espírito apropriado escrevendo uma carta para minha mãe todas as manhãs. Então, abro meu coração. Parece xaroposo, mas é assim mesmo. Quando começo um livro, escrevo a primeira frase. Em geral, não sei qual será a primeira frase. Às vezes acho que sei o que vou escrever, mas quando começo, percebo que algo totalmente distinto esteve se desenvolvendo dentro de mim.

Então me entrego: sou muito receptiva à experiência. Despejo a história no primeiro rascunho, que é sempre muito longo e desordenado. Não sei de que trata o romance antes de imprimi-lo e lê-lo. Aí digo: "Ah, é assim que ele é", e começo a enxugar o texto cortando, editando, alterando. Quando acho que está mais ou menos bom, envio-o à minha mãe no Chile. Ela o lê e vem para cá com uma caneta vermelha. Discutimos durante um mês mais ou menos e ela vai embora. Das quinhentas páginas originais restam talvez quinze. Então começo a trabalhar novamente.

MT – *Sua mãe sempre foi editora?*
IA – Não, mas é uma crítica severa. Ela me ama incondicionalmente e é muito honesta comigo. Não tem que ser cuidadosa: pode dizer tudo o que quiser. Sei que é sempre com a melhor das intenções. Embora eu não preste atenção a tudo o que ela diz, sei que se não gosta de alguma coisa é porque há algo errado. Ela pode dizer, por exemplo: "Não gostei do final", embora não consiga sugerir outro melhor. Mas se não gosta do que fiz é porque não é bom. De maneira que o escrevo e reescrevo muitas vezes até sentir que encontrei o melhor – ou melhor do que o anterior, pelo menos.

MT – *Você diria que seus livros trazem alguma mensagem implícita?*
IA – Não. Não tenho intenção de transmitir qualquer tipo de mensagem, pois não tenho nenhuma resposta. Faço apenas as perguntas, que são as mesmas de todo mundo. Talvez o que o escritor tenha a fazer seja apenas sintonizar-se com as perguntas e recolocá-las de maneira que ressoem e toquem o maior número de pessoas. Sou sempre movida pelos mesmos temas, de modo que, repisando as mesmas questões, me pergunto quem sou. É como uma jornada no interior de mim mesma. Suponho que as pessoas façam isso em terapia. Eu o faço escrevendo.

MT – *Parece-me que sua obra é expressão de sentimentos profundos. Você vê sua obra emergindo de sua própria dor, de sua própria angústia?*
IA – Acho que todo livro é desencadeado por uma emoção muito forte que esteve comigo por longo tempo. Em geral, é uma emoção dolorosa. Entretanto, o processo de escrever é tão jubiloso – é como uma orgia – que não posso reclamar. Divirto-me muito escrevendo. Posso escrever 14 horas por dia sem comer nada e, ainda assim, sentir-me muito bem, porque o processo é tremendamente envolvente. Mas o que o desencadeia é doloroso. Choro com freqüência enquanto escrevo.

MT – *Você acha que é verdade para a maioria dos escritores que a pessoa tem que sofrer para ser criativa?*
IA – Não. Eu acho que a gente é mais criativa quando tem tempo livre. Quando tem as necessidades básicas satisfeitas, quando tem afeto e apoio e quando está livre. Acho que esse é o melhor estado de espírito para a criação.

MT – *Você considera muito importante a solidão para escrever. Fale um pouco disso.*
IA – Escrever exige concentração e silêncio e eu só consigo isso em total solidão. Se não tiver uma espécie de útero onde trabalhar, para onde me retirar totalmente, não consigo escrever. Posso escrever matérias jornalísticas, cartas e discursos, mas não ficção, porque escrever ficção é como bordar um tapete. Você vai bordando pedacinho por pedacinho com uma agulha muito fina e com fios de diferentes cores. Precisa concentrar-se, porque não conhece o padrão e não pode deixar nenhum ponto solto. Tem que amarrar todos eles e isso exige que tenha tudo na mente. Talvez outros escritores façam um esboço e o sigam e, portanto, não precisem desse tipo de concentração. Eu não consigo fazer isso. Vou escrevendo linha por linha, de maneira que preciso ter em mente a primeira linha que escrevi meses

"Minha mãe pode dizer o que quiser. Ela é uma crítica severa."

atrás, para que a história inteira tenha coerência no final.

MT – *Lembro-me de uma história que você contou em um de seus livros. Você escreveu sobre uma mina onde foram assassinados alguns camponeses. Havia uma espécie de mediunidade que impelia seu processo de escrever.*

IA – Essa história é narrada em *De Amor e de Sombra*. O que desencadeou aquele livro foi a raiva contra os abusos da ditadura chilena. Muitas pessoas haviam sido mortas. Muitas haviam desaparecido. O caso ao qual você está se referindo foi um crime político que ocorreu em 1973. Quinze camponeses foram assassinados e seus corpos não foram encontrados. Passados cinco anos, a Igreja Católica descobriu uma mina abandonada e encontrou os cadáveres. Ninguém sabe como ela ficou sabendo e como a descobriu antes que a polícia pudesse detê-la. Saiu na imprensa e houve um processo judicial. Foi assim que tomei conhecimento do caso.

Quando escrevi a história, tinha algumas informações parciais; apenas as que a justiça chilena havia permitido. Precisei preencher as lacunas com minha imaginação. Quando terminei a história, minha mãe leu o livro e concluiu: "É totalmente inverossímil. O fato de um padre tomar conhecimento em confissão de que os corpos estão na mina, pegar a motocicleta e ir para um lugar que foi interditado pela polícia durante o toque de recolher, abrir a mina, encontrar os cadáveres, fotografá-los e levar as fotografias ao cardeal – isso é impossível". E eu argumentei: "Bem, mamãe, é um artifício literário. Não tenho outro jeito de resolver a trama".

O livro foi publicado em 1984. Em 1988 pude voltar ao Chile. Enquanto estava lá, um padre jesuíta veio falar comigo e me disse que havia tomado conhecimento em confissão de que os cadáveres estavam na mina. Ele tinha ido até lá de motocicleta, durante o toque de recolher. Descobriu a mina, fotografou os cadáveres e levou as fotos para o cardeal. Foi assim que a Igreja

Concentrada, a gente percebe outros sinais e linguagens

Foto de Marcia Lieberman

Católica descobriu a mina antes que as autoridades pudessem impedi-la. Ele me perguntou como eu soubera, uma vez que as únicas pessoas que conheciam o fato eram o cardeal e ele próprio. Respondi: "Não sei. Achei que tinha inventado. Mas talvez os mortos tenham me contado".

MT – *Com isso, você está penetrando em outro nível de consciência, em outra realidade.*

IA – Eu tinha a sensação, com aquele livro, de que as mulheres da história, as mulheres que estavam à procura de seus maridos, filhos e irmãos, estavam me obrigando a escrever a história. Eu ouvia um clamor e foi por isso que escrevi com tanta ansiedade e raiva. Muitas vezes, enquanto escrevia, tinha a sensação de que as pessoas estavam me contando as coisas. Eu ouvia vozes – não sons reais, apenas vozes em minha mente – e tinha sonhos relacionados com a história. Suponho que isso sempre aconteça quando se está concentrado em um projeto: você acaba ouvindo coisas.

Por exemplo, quando minha filha esteve doente em coma durante um ano, eu cuidei dela em casa. Ela não conseguia comunicar-se de nenhuma forma e estava totalmente paralisada. Entretanto, eu tinha a sensação de ouvir sua voz, especialmente enquanto dormia. Eu podia ouvi-la falando comigo, via imagens. Soube exatamente quando ela ia morrer, porque a comunicação se tornou muito estranha, nebulosa, obscurecida. Não havia nenhuma infecção, seus pulmões estavam desobstruídos e o médico achava que ela poderia viver muito tempo. Eu sabia que não era o caso. No dia em que morreu, soube que tinha chegado a hora. Na verdade, ela morreu no dia seguinte, às quatro da madrugada. Quando se está concentrado em algo, quando a energia, a mente e as emoções estão centradas em algo, a gente se torna consciente de outros sinais, outras linguagens que talvez sempre tenham existido, mas não se percebem enquanto se está envolvido com o mundo.

MT– *Como foi esse processo de estar com sua filha em coma?*

IA– Foram etapas, diferentes etapas. No início, tinha esperanças e lutei como um samurai para trazê-la de volta à vida. Depois, aos poucos fui desistindo. Primeiro desisti de seu corpo, dizendo: "Bem, ela não vai mais ser a garota linda e graciosa que foi". Em seguida, disse: "Não importa, ainda a temos". Depois desisti de sua mente. Quando fiquei sabendo que tinha lesões graves no cérebro e que jamais se recuperaria, disse: "OK, a mente não é tão importante. Vou cuidar dela. Nós a temos viva, ela continua aqui". Depois desisti disso também e disse: "OK, ela pode ir e não vou amá-la menos por isso". Disse-lhe que podia partir, que eu a amava muito e que estaria com ela aqui e em algum outro lugar no futuro. Ela morreu e eu fiquei com as cinzas. Depois, nem isso tive mais.

MT – *Há algo mais que você gostaria de dizer sobre sua filha?*

IA – Eu fico muito emocionada quando

falo sobre isso, mas sei que muitas pessoas têm familiares ou entes queridos muito doentes ou em fase terminal. Minha experiência pode ser útil para elas. Passado um tempo, perde-se o medo da morte. Não é apenas a filha da gente que vai morrer; a gente também vai morrer. A gente compreende que morrer é como nascer. É como um limiar através do qual você passa para outro mundo. Você não leva nenhuma lembrança consigo; é por isso que a morte é tão assustadora. Mas não há nada de assustador no fato de morrer.
Paula morreu nos meus braços. Fiquei na cama abraçada com ela um dia e uma noite até ela morrer. Quando morreu, tive uma sensação de paz tão profunda que adormeci. Ainda me lembro do sonho que tive abraçada com ela quando já estava morta. Meu filho me acordou porque Paula já estava rígida, dizendo: "Temos que lavá-la e vesti-la" e foi o que fizemos. Em seguida, eu disse: "Não vamos levá-la daqui antes que o marido chegue". O marido dela estava em Chicago. De maneira que o corpo dela permaneceu conosco dois dias. Naqueles dois dias me familiarizei com a morte. Não há nada de assustador nela. É doloroso para mim saber hoje que nunca mais vou poder falar com ela ou ouvir suas risadas. Mas ela existe. O espírito dela existe e está conectado com o meu. Não estou assustada com a morte dela, nem com a minha.

MT – *É uma experiência muito forte. Não sei o que possa dizer. Mas posso imaginar um ou dois livros a partir dessa experiência que você viveu.*
IA – É difícil para mim escrever quando me encontro em meio a uma tempestade. A literatura precisa de ambigüidade, ironia, distanciamento. Neste momento, não tenho nada disso.

MT – *Mas você acha que é importante contar histórias. Por quê?*
IA – Acho que as histórias são para a sociedade o que os sonhos são para os indivíduos. Se você não sonha, enlouquece. Os sonhos de alguma forma desobstruem a mente e colocam a pessoa em contato com o mundo inconsciente, do qual pode tirar lições e informações. Acho que é isso que as histórias fazem. Há centenas, milhares de histórias, mas nós sempre repetimos as mesmas. Todas as grandes tramas já foram narradas inúmeras vezes. Podemos apenas remontá-las de maneira diferente. Cada vez que o fazemos entramos em contato com o mito e, de alguma forma, fazemos a sociedade sonhar. O poder da narração de histórias é surpreendente. Experimente só dizer: "Era uma vez..." dentro de um elevador. Ninguém vai descer. Todo mundo vai ficar ali até a história acabar.

Todas as grandes tramas já foram narradas

MT – *Em certa ocasião, você escreveu ou disse algo acerca de um acordo entre o leitor e o autor. Você pode falar disso?*
IA – No Sudão, o contador de histórias senta-se no centro da aldeia e diz: "Vou contar-lhes uma história" e as pessoas dizem "certo". Ele continua: "Nem tudo na história é verdadeiro". Elas concordam: "Certo". Mas então o contador de histórias diz: "Tampouco tudo é falso". "Certo". Eles estabelecem um acordo, como você vê. Ele conta a história e os ouvintes conhecem as regras. Nem tudo é digno de crédito, mas vamos fazer de conta que é. Bem, é assim que me sinto com relação ao meu leitor. Estou propondo algo, dizendo: "Ei, esta é a história que vou contar. Nem tudo é verdadeiro, nem tudo é falso, mas neste monte de mentiras podemos encontrar algumas partículas de verdade. Vamos ambos penetrar na dimensão da literatura, que é semelhante à realidade, mas não totalmente real. Vamos fazer de conta que é real e encontrar juntos nosso caminho". É isso que é escrever. Não consigo imaginar-me escrevendo para mim mesma ou escrevendo para publicar, porque acho que um livro não existe por si mesmo. Ele não é um fim, mas um meio de comunicação, uma ponte. Se não tenho um leitor e não encontro alguém para segurar minha mão

e explorar comigo o espaço e o tempo do livro, perco o interesse. Preferiria fazer outra coisa.

MT — *Você pensa no leitor quando escreve?*
IA – Penso em um leitor. Não penso no grande público ou em milhões de exemplares. Quero chegar ao coração de uma pessoa.
Quero agarrar essa pessoa pelo pescoço e dizer-lhe: "Não vou deixar você ir embora até acabar o livro. Você vai ler até a última página". Isso é importante, muito importante.

MT – *Há alguns escritores latino-americanos que influenciaram sua obra?*
IA – Todos eles. Eu pertenço à primeira geração de escritores latino-americanos que cresceu lendo outros escritores do nosso continente. A geração anterior cresceu lendo escritores europeus e norte-americanos traduzidos. Mas eu fui influenciada por todos eles – Garcia Marquez, Carlos Fuentes, Jorge Luís Borges, Júlio Cortázar, José Donoso, muitos deles – alguns da minha própria geração, como Eduardo Galeano. É fácil para mim escrever, uma vez que não tenho que inventar nada. Eles já descobriram uma voz, uma forma de narrar-nos para nós mesmos. Portanto, é fácil.

MT- *E Pablo Neruda?*
IA – Não sei se ele influenciou meus escritos, mas teve grande influência em minha vida. Pablo Neruda é um poeta dos sentidos. Veja, por exemplo, sua "Ode ao Óleo". Você pode ter usado óleo durante toda sua vida, sem jamais perceber a transparência ou cor, sentir a textura, o cheiro; você não sabe de onde ele provém ou como é feito. A maravilhosa natureza do óleo torna-se real quando você lê Neruda.

MT – *Essa é uma das dádivas que os escritores latino-americanos oferecem a nós que vivemos na América do Norte. Há uma qualidade que me faz lembrar a floresta tropical – a variedade e qualidade exuberantes da floresta tropical.*
IA – Mas acho que você também a encontra em muitos escritores norte-americanos, especialmente as mulheres minoritárias – as mulheres negras, as chicanas, as sino-americanas, as nipo-americanas e indígenas. Você encontra esse tipo de literatura o tempo todo. É a literatura WASP (White, Anglo-saxon, Protestant) que está morta.

MT – *Em* Plano Infinito *há um capítulo sobre Berkeley dos anos 60. Você não vivia nos Estados Unidos naquela época. Como soube de Berkeley?*
IA – Tenho uma amiga que esteve em Berkeley nos anos 60 e ela me levou de volta para lá. Nós andamos pelas ruas e falamos com as pessoas que estão lá há vinte anos. Ela me contou sua experiência e permitiu que eu escrevesse sobre ela, como muitas pessoas que encontramos na rua me contaram suas histórias. Por isso foi fácil.
Sobre o Vietnã foi mais difícil. Escrevi o capítulo sobre o Vietnã duas vezes. Estava disposta a eliminá-lo do livro, uma vez que continha todas as informações mas não havia nenhuma emoção real. Não consigo sentir a experiência da guerra. Como mulher e antimilitarista, tenho muita dificuldade em entender a guerra. Mas tive sorte. Quando estava disposta a eliminá-lo, surgiu em minha vida um veterano do Vietnã e me ofereceu a maravilhosa dádiva de sua experiência. Eu a registrei e meu único trabalho foi traduzi-la para o espanhol.

MT – *Você se descreveu como uma insaciável caçadora de histórias. O que quis dizer com isso?*
IA – Estou sempre roubando as histórias de outras pessoas. Encontro alguém e quero saber o que aconteceu em sua vida e por quê. Sempre faço as perguntas erradas, mas tenho sorte de fazê-las às pessoas certas. Assim, obtenho suas histórias.

MT – *Os personagens que aparecem em seus livros são pessoas reais?*
IA – Sempre escrevo ficção, mas não consigo mais delimitar a fronteira entre a realidade e a fantasia. As histórias são sempre baseadas em vidas reais, mas eu as reviro, torço e deformo até acabarem sendo ficção.

MT – *Você faz isso com seus amigos? Apropria-se das experiências deles?*
IA – Sim, me aproprio, mas tenho o cuidado de não expô-los. Para mim, uma pessoa é sempre mais importante que um personagem. Jamais uso a experiência de outra pessoa sem autorização dela.

MT – *Quer dizer que você penetra nas vidas de outras pessoas.*
IA – Sim, mas transformando-as em ficção. Tomo posse de muitas coisas. Por exemplo, usei algumas partes da vida de meu marido. No entanto, Gregory Reeves (protagonista de *Plano Infinito)* não é meu marido. Mas a ficção às vezes é mais poderosa que a realidade. Quem sabe? Talvez meu marido comece a acreditar que é Gregory Reeves.
Isso aconteceu com *A Casa dos Espíritos.* Quando escrevi o livro, meus parentes ficaram furiosos comigo. Mas então o livro se tornou muito popular e eles começaram a desempenhar os papéis. O livro substituiu as verdadeiras memórias da família. Hoje, eles falam como se aquelas coisas tivessem realmente acontecido. E os filmes são ainda mais poderosos que os livros.

MT – *Você vê a possibilidade de surgirem outras* Histórias de Eva Luna?
IA – Em todas as sessões de leitura alguém do público me faz essa pergunta. Escrever contos é muito difícil. Acho muito mais difícil do que um romance. O conto está mais próximo da poesia. É preciso inspiração e não me sinto muito inspirada no momento.

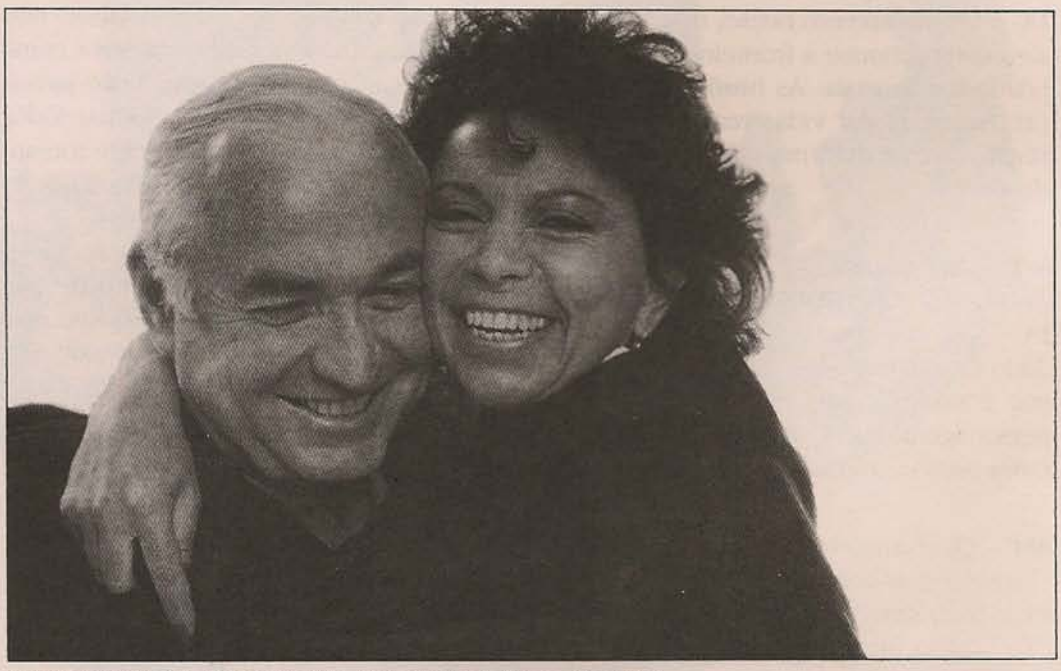
MT – *Que conselhos daria a alguém que tivesse intenção de escrever um romance?*
IA – Não *sei.* Não sei dar conselhos, mas digo aos meus alunos que escrever é como treinar para tornar-se atleta. Você jamais vai quebrar recordes se não treinar todos os dias. Não há como escrever um romance por acaso. Há muito trabalho rotineiro envolvido.
Além disso, acho que a pessoa tem que ser muito cruel na edição. Não ter nenhuma compaixão com aquilo que não está bem. Mesmo que tenha passado meses trabalhando em um capítulo, elimine-o. O melhor conselho que já recebi foi: "Corte, corte, corte!" Você faz isso no jornalismo. Você está à procura de um adjetivo e, de repente, percebe que não precisa dele. Deixa o substantivo sozinho. Você pode fazer o mesmo com uma frase, com um capítulo – com um bocado de texto. Corte.

MT – *Falando de jornalismo, uma vez ouvi você dizer que era uma má jornalista porque sempre se envolvia demais com seus casos. Dá para escrever sobre alguma coisa sem se envolver?*
IA – Sim, é verdade, mas há limites. Meus limites eram forçados. Acho que eu era uma jornalista imprestável. Estava sempre me colocando no meio de tudo, escrevendo na primeira pessoa, jamais era objetiva. Mentia o tempo todo. Se não tinha nenhuma notícia eu a criava. Isso é demais.

MT – *Mas não é preciso mergulhar nas coisas para poder entendê-las? Como consegue distanciar-se?*
IA – É preciso fingir que se é objetivo. Eu nunca consegui isso. Mas adorava jornalismo. O que mais me agradava era a sensação de participação; você vai para a rua e fala com as pessoas. Aquela sensação de fazer parte é maravilhosa.

MT – *E como é a sensação de viver fora do próprio país?*

Minhas histórias sempre se baseiam em vidas reais



"Usei partes da vida de meu marido. Mas ele não é Gregory Reeves."

IA – Era terrível quando eu não podia voltar, mas atualmente vou todos os anos. Minha mãe mora lá. Tenho a sensação de estar com um pé lá e outro aqui. A época terrível foi quando vivi na Venezuela, sentindo que não podia voltar. Talvez até pudesse, mas tinha medo. O medo é uma coisa tão estranha. Ele torna você totalmente irracional; você toma as decisões mais estranhas em função do medo.
Certa vez escrevi uma história sobre duas pessoas que foram torturadas. Elas descobrem, quando estão fazendo amor, que ambas tiveram a mesma experiência. Um dos personagens diz: "O medo é mais forte que o amor. O medo é mais forte que a morte, que o ódio, que tudo. O medo obriga você a fazer coisas abomináveis". Quando escrevi essa história achava que isso era verdade. Hoje eu a mudaria. Não acho mais que o medo seja mais forte que o amor. Acho que o amor é mais forte.

MT – *O que provocou essa mudança?*

IA – Paula, minha filha.

MT – *A vida é surpreendente, não é?*
IA – Sim, ela é muito complexa e maravilhosa. Mas tenho a sensação de que a vida é como uma passagem mais curta na longa jornada do espírito. É apenas uma experiência pela qual temos que passar, porque o corpo tem que vivenciar certas coisas que são importantes para o espírito. Mas não deveríamos nos apegar tanto à vida e ao mundo. Não deveríamos nos apegar aos aspectos materiais do mundo, porque não podemos levá-los conosco. A gente vai perdê-los de qualquer maneira. A gente vai perder o corpo.

MT – *Você percebe mais essa tendência nos Estados Unidos que na América Latina?*
IA – Eu a percebo em toda parte... Mas acho que está mudando. Sou muito otimista com relação aos anos 90. Acho que há mais consciência, mais sentido

comunitário. Tentei retratar isso em *Plano Infinito*. Meu protagonista passa a vida correndo atrás do "sonho americano". Os anos 80 o traem e ele acaba de joelhos. Tem que começar tudo de novo; tem que encontrar suas raízes e voltar ao essencial e ele faz isso. Acho que é o que está acontecendo com esta sociedade. Chegamos a um ponto em que a violência, a criminalidade, a solidão e o desespero são tão visíveis que as pessoas hoje estão procurando respostas em outras partes.

MT – *Você tem esperanças.*
IA – Sim, tenho muitas esperanças. Não acredito que vamos nos destruir com a camada de ozônio ou o holocausto nuclear. Acho que vamos sobreviver e melhorar.

MT – *E a comunidade? Você acredita que a comunidade esteja tomando nova forma nos anos 90?*
IA – Acho que a capacidade humana de sobreviver é surpreendente. Quando chegamos ao ponto de nos destruirmos, de alguma forma despertamos e realizamos mudanças. Acho que nesta sociedade há novas forças que estão levando a mudanças. Um número cada vez maior de mulheres estão abandonando o padrão cultural que as formou desde a infância. Essas pessoas estão educando filhos de maneira diferente. Por isso tenho esperança, muita esperança.

MT – *E o que você pensa da violência urbana?*
IA – No laboratório, se houver ratos em excesso numa jaula eles se matam entre si. Portanto, chegará o momento em que teremos que dividir as grandes cidades em pequenas aldeias. Nós vamos fazer isso, porque a partir de certo ponto essas megacidades começam a destruir a vida e o meio ambiente. A cidade do México tem 19 milhões de habitantes vivendo no caos. Não se consegue viver nela. Os pássaros caem mortos do céu por causa da poluição. Portanto, teremos que encontrar solução para isso.

MT – *Para onde você vê que seu trabalho a está levando?*
IA – Não tenho nenhum plano para o futuro. Posso morrer amanhã. Foi o que disse ao meu marido quando o conheci. Era outubro e ele disse: "Vou visitar você na Venezuela em dezembro". E eu perguntei: Do que você está falando? Dezembro? Posso estar morta em dezembro. Ele perguntou: "Por quê? Você está doente?" Respondi: "Não, mas quem sabe? Posso estar morta". É assim que sinto. Sinto que posso morrer amanhã. Por isso não tenho nenhum plano. Quero tudo agora. ▲

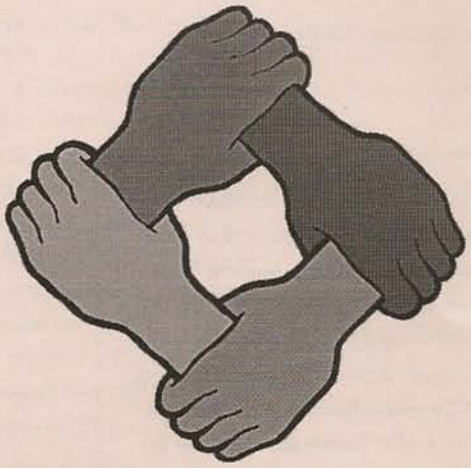
Tradução de Carmen Fischer

MICHAEL TONS é co-fundador da rádio New Dimensions, é editor na Harper San Francisco e autor do livro *At the Leading Edge*.
A entrevista acima foi extraída da transcrição do programa 2384 da rádio New Dimensions, tendo sido publicada na íntegra na revista *Common Boundary* de maio/junho de 1994 com permissão da New Dimensions Foundation, que detém todos os direitos (Copyright 1994).

Se desejar obter um exemplar do jornal New Dimensions ou um catálogo de fitas cassete referentes a centenas de entrevistas na rádio New Dimensions, envie 2 dólares para: New Dimensions Radio, P.O. Box 410510 - San Francisco, CA 94141-05010 USA.

UM ANO DE TOLERÂNCIA

Todos os anos, a ONU elege um tema em torno do qual possam congregar-se os esforços de pessoas, grupos e instituições: 1995 é o ano da tolerância.



Toda virtude ou talento cria corpo e ganha vigor na medida em que os exercitamos. A tolerância, como qualquer outra qualidade humana, adquire significado através de nossos atos, sentimentos, palavras. E estes dependem fundamentalmente de nossa motivação.

Acreditando que todos estejamos buscando um aprimoramento, uma condição mais sadia e sábia de viver, sugerimos aos nossos leitores que, aproveitando estes depoimentos, desenvolvam suas próprias reflexões. Sugerimos também criar espaços para essa reflexão no seio da família, nos ambientes de trabalho, em escolas, instituições religiosas, comunidades e grupos.

É do interesse de cada um considerar o interesse dos outros

TENZIN GYATSO
SUA SANTIDADE O DALAI LAMA

Ao nos aproximarmos do final do século XX, nosso mundo tornou-se menor e mais interdependente. Estamos unidos por laços políticos e econômicos, interligados mundialmente por uma rede de comunicações. Contudo, estamos unidos também pelos problemas que nos confrontam: superpopulação, diminuição dos recursos naturais e uma crise ambiental que ameaça a própria existência do planeta que nos sustenta. Dentro do conteúdo desta nova interdependência, fica claro que é do interesse de cada um considerar o interesse dos outros.

Devemos desenvolver maior senso de responsabilidade universal. Cada um de nós deve aprender a trabalhar não apenas para si mesmo, sua família e sua nação, mas em benefício de toda a humanidade. Os únicos fundamentos válidos para a responsabilidade universal são o amor e a compaixão. Amor e compaixão são as fontes definitivas de alegria e felicidade. Ao reconhecermos seu valor e tentarmos realmente cultivá-los, muitas outras qualidades – a capacidade de perdoar, a tolerância, a força interior e a confiança em poder superar o medo e a insegurança – surgirão de modo natural. Essas qualidades são essenciais se quisermos criar um mundo melhor, mais feliz, mais estável e civilizado.

Sejam bonitas e amigáveis, ou sem atrativos e destruidoras, as pessoas são, em última instância, seres humanos. Como nós mesmos, querem a felicidade e não querem o sofrimento. Além do mais, seu direito de superar o sofrimento e de ser feliz é igual ao nosso. Quando reconhecemos que todos os seres são iguais, tanto em seu desejo de felicidade quanto no direito de obtê-la, automaticamente sentimos tolerância, empatia e afeto por eles.

É natural que os seres humanos tenham diferentes interesses e disposições. Assim, não é de estranhar que tenhamos muitos e diferentes sistemas de crenças e diferentes maneiras de pensar e de nos comportar. É essa diversidade o caminho para que todos sejam felizes.

Quanto mais compreendermos o modo de ser dos outros, mais poderemos aprender com o outro. E mais facilmente poderemos desenvolver o respeito e a tolerância em nossas vidas e em nosso comportamento para com os outros. Isto certamente contribuirá para aumentar as possibilidades de paz e amizade em todo o mundo: nossa própria diversidade se transformará em fonte de força e criatividade.

FAÇA CIRCULAR

A flor da ternura e da verdade

PAULO EVARISTO, CARDEAL ARNS
ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO PAULO

Passar da intolerância à tolerância é o desafio maior do século XXI para toda a humanidade. Exige mudança de discursos, de atitudes e de hábitos secularmente consolidados. A riqueza do encontro, no entanto, supera todas as dificuldades e pecados de nossas ou outras famílias religiosas. Em nome do humano, da paz, do planeta e dos pequenos, construamos o diálogo na humildade e pelo amor.

Precisamos com urgência superar o monólogo, o diálogo de surdos e a cristalização da verdade em sistemas totalitários.

Para nós cristãos, diálogo e tolerância são verdades co-naturais ao Evangelho de nosso fundador. Sim, Jesus de Nazaré foi, é e será sempre avesso a toda forma de intolerância. Jesus soube ouvir e ensinou-nos a ser ouvintes uns dos outros na liberdade de cada consciência e no serviço aos pobres. Nossa fé cristã inspira-se nestes valores humanos revelados por Jesus e na comunhão plena com o bem e a beleza divinos.

Procuramos estimular mãos, mentes e corações a abrirem-se para os mistérios de Deus como o proclama o profeta Isaías no capítulo 45, 15, a fim de que possamos encontrá-lo nas crenças e fidelidades participantes da verdade maior do Pai. Queremos, também nós, estar abertos aos outros.

Quem de nós não se entusiasma com o testemunho de Mahatma Gandhi, imerso no belo e profundo mundo da cultura védica, tão desejoso de paz e verdade e tão comprometido com elas?

Quem de nós não se comove com o exemplo de tantos monges budistas e de sacerdotes e xamãs das culturas religiosas tradicionais da mãe África, pelo contato profundo com a natureza, a sabedoria e a vida?

Quem de nós não estremece até as entranhas ao ouvir o Sermão da Montanha pronunciado por Jesus de Nazaré, anunciando vida e esperança para todos os pequeninos?

Assim a mensagem da tolerância e da escuta nos encaminha a passos largos e decididos para a comunhão e partilha de nossa diversidade religiosa, tão rica e promissora de utopias.

A tolerância étnica, política e, fundamentalmente, religiosa, abre as portas para o encontro fraterno das nações no gratuito serviço da paz, na defesa da integridade de toda criação deste nosso Planeta Terra e na construção da solidariedade junto aos excluídos pelos sistemas de morte hoje vigentes. As religiões, pela tolerância, vivem aprendendo a difícil arte do diálogo e estão a semear a flor da ternura e da verdade. Com muita simplicidade e firmeza permanente.

Faz-se necessária a reverência pela diversidade

HENRY I. SOBEL
RABINO, PRESIDENTE DO RABINATO
CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA

Faço parte de um povo que provou durante séculos o sabor amargo da intolerância religiosa. A fumaça das chaminés de Auschwitz continua a poluir o ar de nossa sociedade contemporânea, na qual tantos são perseguidos por serem "diferentes". Julgar um ser humano em termos de seu credo religioso, de suas convicções ideológicas, da cor de sua pele, é mais que um erro. É uma cegueira do espírito, é um câncer da alma, é um pecado contra Deus que criou as pessoas cada uma diferente da outra, mas todas iguais em valor.

A história já nos deu provas suficientes de que o preconceito religioso e o triunfalismo ideológico são as maiores barreiras ao progresso humano. O erro mais trágico desde o início da civilização tem sido o conceito de que as idéias são mutuamente exclusivas. Enquanto cada credo pretender o monopólio da verdade, enquanto perdurar esta estreiteza de visão, a religião, ao invés de irmanar os homens, despertará o ódio entre os povos.

A intolerância sempre age em nome de algum grande ideal. É por isso que às vezes se torna difícil diferenciá-la do autêntico idealismo. À primeira vista, idealistas e intolerantes têm muito em comum: a devoção a uma causa "sagrada", a crença inabalável na justiça dessa causa, a disposição de fazer qualquer sacrifício por ela. Quando, porém, o idealista se permite usar quaisquer meios para atingir seu objetivo – por mais violentos e imorais que sejam esses meios –, seu idealismo descamba em intolerância.

Na verdade, o que se faz necessário não é tolerância. Tolerância implica condescendência em relação ao mais fraco. Faz-se necessário, isto sim, um espírito de reverência pela diversidade, reverência pelas crenças e costumes dos outros. É somente essa reverência, esse profundo respeito pelos seres humanos de todas as raças, credos e nacionalidades, que pode evitar a repetição dos trágicos erros do passado.

Permaneçamos, todos nós, enraizados em nossas respectivas tradições. Não violemos jamais aquilo que é sagrado para cada um de nós. Mas, ao mesmo tempo, reconheçamos a santidade do credo e das tradições alheios. E caminhemos juntos em direção à Paz.

FAÇA CIRCULAR

"Sobretudo, mantende entre vós uma ardente tolerância" (1Pd. 4, 8)

JAIME WRIGHT
PASTOR DA IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DO BRASIL

A autenticidade religiosa pode ser medida pela ação positiva da tolerância.

Não será uma tolerância indiferente, desdenhosa, acomodada, que pratica uma filantropia espasmódica e impulsiva como se partisse de um superior para um inferior.

Não! A tolerância genuína é aquela que leva a pessoa a conhecer outras e a se identificar com elas, a assumir riscos até. Ela perdura como persiste a força de um corredor de elite na corrida de São Silvestre. É uma paixão que se distende como um puro-sangue a galope na reta de chegada.

Não é um luxo. A tolerância é parte intrínseca da mais pura espiritualidade. Ela tudo agüenta, tudo desculpa, não se irrita, não guarda rancor, não impõe seu ponto de vista, não se alegra com a injustiça mas se regozija com a verdade.

Tiago, o escritor sacro do Novo Testamento, dá uma maravilhosa receita para a prática da tolerância: "Cada um seja pronto para ouvir, mas lento para falar e lento para ficar com raiva, porque a raiva do homem não produz a justiça que Deus quer". (Tg. 1,19-21)

Vê-se, portanto, que a prática da tolerância não tem somente implicações para o relacionamento informal e formal entre pessoas. Ela abrange e afeta todos os grupos humanos em todas suas relações, desde um clube social, um partido político, até a convivência entre nações e a sobrevivência da própria humanidade no âmbito maior da política internacional.

Dizemos, sem vacilar, que a falta de tolerância não produz a justiça que Deus quer. A tolerância se constitui, por isso mesmo, em virtude essencial da pessoa religiosa e em condição básica para a convivência pacífica na sociedade.

"Se alguém pensa que é religioso e não sabe controlar a língua está enganando a si mesmo e sua religião não vale nada." (Tg. 1, 26)

Será que a tolerância se define assim: "Ser tolerante é saber controlar a língua"?

Tiago diz que sim. A convivência ecumênica com outras religiões nos mostra que sim. O cultivo ardente da tolerância torna-se, portanto, fator crucial para a harmonia entre povos.

Será bom cultivar, pois, em todas as circunstâncias, ardentemente, a frágil semente da tolerância, fruto maior da religiosidade e esperança para o bem-estar da humanidade.

FAÇA CIRCULAR

Mãe é quem recebe e não escolhe os filhos

HILDA DIAS DOS SANTOS
IALORIXÁ DO TERREIRO ILÊ AXÉ GITOLU

Mãe é quem é tolerante. É quem recebe os filhos, não tem escolha dos filhos espirituais, sejam homossexuais, mulheres de vida livre; todos, enfim, que precisam de ajuda. Esses filhos merecem cuidados especiais, precisam de mais atenção porque são infelizes, são pessoas desprezadas pela sociedade. Nós temos que abrir as portas para elas, para cuidar e tratar delas, para ver se encontram o caminho certo.

O meu terreiro trabalha com os meninos de rua do Projeto Axé. É um trabalho de tolerância com essas crianças. Nós temos uma escola primária, a Escolinha Mãe Hilda. Acho que isso também é tolerância, porque crianças nos primeiros passos dão muito trabalho. Também com meus filhos espirituais eu tenho que ser tolerante, porque eles me procuram quando estão em dificuldades, em desespero, à procura de uma palavra e eu tenho que estar preparada para ajudar e evitar que eles caiam em desespero. Clientes me procuram, às vezes até por telefone, e ficam em paz, aliviados porque foram ouvidos com tolerância. Sobre religião, eu tenho tolerância porque respeito a igreja. Acho que a igreja é um lugar de encontro com Deus, não desvalorizando a minha religião, que é o candomblé. A minha nação é a Gege-Nagô Salvalu. Sou filha do vodum Obaluaiê.

Tolerância para mim é ajudar os menos favorecidos, é dar ajuda espiritual a quem precisa, é acolher as pessoas de outras religiões que vêm à nossa porta para nos catequizar, e nós somos tolerantes com elas. Nós somos tolerantes com a igreja. Nós vamos à igreja porque temos confiança em que é um encontro com Deus. Nós temos confiança em Deus. Quando terminamos uma obrigação, nós vamos à igreja agradecer a Deus. Nós consideramos os santos e os padres, mas vamos agradecer é a Deus, na casa de Deus.

Termino abençoando a todos. Òṣàlá Gbe ọ.

FAÇA CIRCULAR

MURAYAMA COEN-SAN

O CAMINHO DO CHÁ

Disciplina e prática, muita prática. E memória correta, observação correta, pensamento correto, palavra correta. Tudo isso e apenas isso conflui em cada cerimônia do Chá: a vida correta.

"Tranqüilidade", caligrafia do Mestre Sen-Soshitsu

A cerimônia do Chá não pode ser estudada através de livros, teorias, intelectualizações. Aprende-se e apreende-se através de corpo e mente, através do fazer. No princípio, apenas uma imitação dos mestres, até que se torne uma arte livre, unindo anfitrião e convidados, objetos e sentimentos.

Há quem pratique a cerimônia do Chá sem se aperceber do caminho. Prendendo-se à técnica, aos rituais, aos aspectos elegantes, aos objetos de arte, sem notar que fluímos com o cosmos. O ambiente torna-se então tenso, intranqüilo e o caminho, distante. Mesmo assim, não será desencorajado. Tudo são fases de um processo. Em determinado momento, algo o fará despertar e desabrochar para a verdade. A prática é, portanto, fundamental.

Certa vez perguntaram ao XV Grande Mestre Sen-Soshitsu qual a coisa mais importante no Chá. Ele respondeu que era descobrir a própria atitude com relação à vida. "Em essência, é um serviço do

MURAYAMA COEN-SAN, brasileira, há doze anos no Japão, é monja budista com graduação de Mestre pelo convento Aichi Senmon Nisodo, da cidade de Nagoia. Atualmente oficia na cidade de Sapporo, onde continua praticando a cerimônia do Chá que aprendeu durante os anos de formação no próprio convento.

"Respeito", caligrafia do Mestre Sen-Soshitsu

coração a si mesmo. Este coração pode crescer mais do que ele próprio quando a serviço dos outros. O relacionamento especial entre anfitrião e convidado em uma sala de Chá é extremamente delicado – a menor sombra de insinceridade ou impureza pode ter conseqüências devastadoras. Apenas após ter usado a mente e o coração para descobrir sua própria atitude em relação à vida é que esta coisinha frágil ganha vida e sentido: uma xícara de chá pode se tornar uma maravilha que se comunga na sala de Chá. Sua prática de Chá pode ser grande ou manter-se insignificante, dependendo de seu estado mental, da pureza de seu coração. Com toda sua vontade, cultive uma mente clara e um coração puro para conseguir o 'puro Chá'. Que seja esse seu objetivo", escreveu Sen-Soshitsu.

Chá é *kokoro,* repetia minha professora. *Kokoro* pode significar coração, espírito, mente. Ao dizê-lo, ela traçava uma linha reta com as mãos tocando o próprio peito, no centro, verticalmente.

Chá é ser natural, perceber o movimento mais simples para cada momento, cada objeto. Há, entretanto, regras precisas, imutáveis, que devem ser conhecidas e obedecidas, memorizadas e exercitadas até que se tornem quase automáticas, como dirigir um automóvel.

A tigela onde a água quente é misturada ao pó verde do chá e da qual se bebe é *chawan.* Há os de inverno, mais longos e estreitos, para manter a bebida aquecida; há os de verão, bem abertos, para mantê-la fresca. Há peças feitas por artistas famosos e outras feitas a máquina. Há *chawan* para beber montando a cavalo, desde que os samurais, grandes apreciadores de chá, o tomavam antes da batalha, ou em viagem. Há os de ouro puro e os de cerâmica simples, defeituosa.

"Corpo, mente e espírito integram-se ao se combinar a prática dos procedimentos de Chá com o conhecimento dos utensílios", ensinou Sen-Soshitsu.

A maneira de preparar o chá verde em pó – *macha* – varia de escola para escola nos detalhes, mas em todas a escolha dos utensílios é determinada pela estação do ano, se é dia ou noite, se é alguma ocasião especial (dar boas-vindas, despedir-se, em memória, um casamento, apreciar flores ou objetos).

Cinco elementos e comunhão – Cada utensílio é cuidadosamente escolhido pelo anfitrião a fim de transmitir uma mensagem, um sentimento, um estado de espírito aos convidados. Nada deve ser repetido, nem simétrico. As flores, colhidas pela manhã, devem conservar a aparência natural, sem arranjos forçados. A sala é mantida aquecida no inverno e fresca no verão. A luz deve ser clara mas difusa. Os hóspedes devem se preparar psíquica e fisicamente para o encontro. Não se usam perfumes, jóias nem roupas de cores fortes ou chamativas. Todos devem se integrar ao ambiente. Quase nada é dito, pois todos participam, sentem juntos. Um dos convidados pode perguntar, por todos, qual a origem dos doces ou do chá, bem como a origem e fabricação dos objetos, sobretudo o recipiente para o chá e a colherinha de bambu para servi-lo.

A sala, geralmente forrada com *tatami* (esteira de palha de arroz), construída com estacas de madeira simples e paredes de barro e bambu, imita uma cabana nas montanhas. Como decoração, além de flores silvestres, apenas uma caligrafia budista.

Muitas vezes, a casa de Chá é construída no jardim, que deve proporcionar a sensação de tranqüilidade e frescor das montanhas, com arbustos verdes e pedras marcando o caminho. Em um recipiente em forma de bacia, esculpido na rocha, os convidados lavam as mãos com água fresca antes de entrar. Não é só um ato higiênico, mas também de purificação. Como expressou o Mestre Sen-no-Rikyu:

"O caminho não é mais
Que uma saída
Deste mundo flutuante.
Por que não nos despojar, antes de entrar nele,
Da poeira de nossos corações?"

"Pureza", caligrafia do Mestre Sen-Soshitsu

Depois de entrar na sala, todos os hóspedes se juntam ao anfitrião, que estará preparando o chá. Os cinco elementos básicos da natureza estão presentes: madeira, metal, fogo, terra e água. O fogo aquece a água em uma chaleira de ferro. A água quente é levada em uma concha de madeira até uma xícara de cerâmica. Assim, os cinco elementos interagem.

Minha experiência pessoal começou em Nagoia, no Japão, no convento onde fiz meu treinamento de monja zen-budista. A cerimônia do Chá, uma vez por semana, era parte do aprendizado. A professora, Mestra de Chá e Grande Venerável Mestra Zen, recebeu-me silenciosa e gentil, abaixando suavemente a cabeça em minha direção. Sentei-me ao lado das outras monjas, imitando-lhes as atitudes. Foram servidos doces. Ensinaram-me a comê-los com gestos apropriados – não se deve morder o doce, mas parti-lo com os dedos, levando pequenos pedaços à boca. Quando se termina de comer, o chá está pronto. Ensinaram-me a apanhar a xícara e a beber em três goles e meio, sem deixar restos. Que cheiro bom. Que gosto bom, um tanto amargo. Eu me senti tão bem nessa sala, houve uma comunicação tão serena com a Mestra. Eu não falava nem entendia o japonês, mas palavras não tinham importância.

Em todos os momentos de folga, praticava o sentar e levantar, o andar com passos curtos e suaves, o movimento das mãos, a seqüência de uso dos utensílios, seus nomes. *Fukusa* para o pedaço de pano para limpar os objetos que quem prepara o chá coloca na cintura. *Chaire* ou *natsume* para o pequeno recipiente de chá em pó. *Chasaku* para a pequena e longa colherinha de bambu com que se coloca o chá na xícara. *Chasen* para o misturador de chá e água quente de uma única peça de bambu. Aprendia a beber e a fazer o *usucha*, chá fraco.

A Mestra me convidou a participar também em seu templo das aulas de Chá. Que grande aventura. Monjas e leigas de nível muito mais elevado praticavam o *koicha*, chá forte, grosso. Nessa cerimônia, cinco convidados bebem da mesma xícara – cada um bebe um pouco e passa ao seguinte. Então compreendi o que lera nos livros de história sobre jesuítas que praticavam Chá no Japão do século XVI e haviam usado salas ou casas de Chá para missas católicas: compreendi o espírito de comunhão.

O CHÁ DE NOSSO SÉCULO – Na aula de Chá, quem chega primeiro senta-se nos primeiros lugares e pratica por ordem de chegada. Não se passa na frente de outros por ser mais antigo ou mais adiantado. Quando a Mestra me fazia sentar ao seu lado, eu sentia que não me transmitia apenas a técnica, mas uma visão de mim mesma e do mundo. Ao preparar o chá, cada aluno demonstra seu estado emocional, sua personalidade, o estágio de sua prática.

Fui iniciada na cerimônia do fogo. A maneira de colocar os carvões, quais carvões, em que ordem. Como preparar o fogo para o inverno, para o verão, como limpar com uma grande pena de ave algum cisco que tenha caído. Fui levada pela Mestra a grandes encontros de Chá, onde os Grandes Mestres se reuniam com outros mestres e alunos e nos era servida uma refeição delicada, deliciosa. A cerimônia do chá fraco e a do chá forte em grandes salas. As mulheres com lindos quimonos coloridos, os homens de

"Harmonia",
caligrafia do Mestre Sen-Soshitsu

hakama. Fora do tempo, em outro espaço.

Mas havia também ciúmes e política correndo pelas salas. Havia inveja, olhares duros, rivalidades que a Mestra sabiamente harmonizava e conduzia para o caminho correto: "Observe-se".

Meus estudos de monja afastaram-me de Nagoia. Em Sapporo, na ilha de Hokkaido, no norte do Japão, recomecei a praticar o Chá na casa de uma paroquiana do templo de Daishoji, onde sirvo como monja. Um aquecedor elétrico substitui as brasas – somos poucas praticantes.

Não importa quais sejam as variações de cada escola, praticar o Chá segundo os preceitos budistas – por exemplo, Não Matar – é o mesmo que aprender a dar vida, a respeitar a vida. É utilizar apenas a água necessária, e cada objeto no máximo de sua potencialidade, mas sem abuso. Dar vida, não matar, é respeitar a natureza, colher apenas as flores necessárias, sem remover todas as ervas daninhas, que também têm sua função no ciclo ecológico. É falar as palavras certas, apenas as suficientes para não poluir a atmosfera, para dar vida à mente de tranqüilidade e harmonia. É induzir a si mesmo e aos outros a se aprofundar no caminho e se despojar de superficialidades; não se apegar à forma, à aparência, procurar a essência de cada um, de cada momento. É ser paz, fluindo livres dentro da sistemática da cerimônia do Chá. Fluindo livres dentro dos sistemas humanos de relacionamento.

Diferente do Chá medieval, onde samurais, nobres e mercadores urdiam tramas políticas e batalhas, a presença de mulheres não era permitida, xoguns decidiam quem podia praticá-lo e os Grandes Mestres eram obrigados a servi-los, o Chá de nosso século não deve ser para fins políticos ou fofocas. Não se deve praticar por gosto pelo exótico ou por estética. Deve ser o Chá de comunhão entre os povos. Um ambiente onde tentamos compreender a nós mesmos e aos outros sem críticas, e juntos podemos sentir-nos unos com a grande natureza, da qual somos esta pequenina parte. Respiramos o mesmo ar, bebemos do mesmo *chawan*; quando anfitriões, concentrando-nos para sermos anfitriões perfeitos, servindo os convidados com respeito, elegância e dignidade, conduzindo o encontro para um leve tom transcendental. Quando hóspedes, capazes de receber com reverência e humildade, perceber o que o anfitrião se propõe a demonstrar, reconhecer seus esforços.

Como se vê, o caminho do Chá é simples. Basta despojar-se do pequeno ego e realizar a inter-relação de tudo o que existe. Os movimentos tornam-se unos com a energia do universo. Sentidos alertas, absolutamente presente onde se está, concentração natural naquilo que se está fazendo. Respeito pela vida em todas suas formas: o mistério do universo realizado em uma simples flor colocada naturalmente em um vaso. Ouvir o som da água fervendo e reconhecer que se assemelha ao som do vento no pinheiral. Oferecer e receber com o coração livre dos desejos mundanos, comunicando-se diretamente com outros corações. Abrindo-se ao todo e a todos com sinceridade. Sendo e tornando-se com todos os outros, com todos os objetos, com todas as ações, palavras, sons, odores, movimentos e não movimentos. E, como ensina o Mestre Sen-Soshitsu, "o importante é estender esse espírito para a vida diária, para todas as ações. Só quando se consegue isto é que podemos falar de caminho do Chá".

DA ANTIGA CHINA ATÉ NÓS

De acordo com a tradição, Bodidarma, o monge que saiu da Índia para introduzir o budismo na China (*c.*520), encorajava o costume de beber chá para manter-se alerta durante a meditação. Não havia cerimônia do Chá, como a conhecemos atualmente, mas havia o zen, cujos ensinamentos básicos são os mesmos da cerimônia do Chá – despertar para a realidade, a verdade, através da observação de si mesmo, cultivando a mente clara e o coração puro.

O chá era conhecido na China desde o século III a.C. como bebida refrescante e boa para aliviar a fadiga e também como erva medicinal. Foi introduzido no Japão provavelmente no final do século VI, quando o país estava em um de seus grandes períodos de importação cultural da China, levado sobretudo por monges budistas que iam à China estudar religião. Por muitos séculos, no entanto, só fora usado como remédio.

No final do século XI, ao ir estudar budismo na China, o monge Eisai percebeu que o chá era indispensável em um templo zen-budista. Quando voltou para o Japão, trouxe sementes da planta, que se disseminou e passou a ser chamada "verdadeiro chá". Eisai também escreveu o livro *Preservação da Saúde Bebendo Chá,* no qual mencionava as virtudes medicinais do chá que, além de produzir longevidade, era muito bom contra a ressaca. Xoguns e nobres passaram a consumi-lo sobretudo como bebida refrescante.

No século XIV, era bebida de nobres, samurais, clérigos budistas e plebeus. Os samurais se reuniam para degustar várias espécies tentando identificar suas origens. Já nos templos budistas, beber chá se transformara em cerimônia solene. Para bebê-lo em grupo, tentando identificar a procedência pelo aroma e sabor, começou a ser colocada no recinto uma pintura do Buda Shakyamuni, uma caligrafia chinesa, flores e incenso.

Aos poucos, o chá foi se tornando parte da vida japonesa. Em 1400 era vendido nas ruas. Mas o método de preparação e a maneira de bebê-lo foram se tornando mais e mais sistematizados. Xoguns e nobres divertiam-se bebendo chá e ostentando raros objetos chineses em salas de grande luxo e rica extravagância.

Em reação a esse movimento, Murata Shuko (1422-1502), estudante de zen-budismo, criou um novo estilo, em uma sala pequena, com poucos convidados. Seu mestre zen era um monge famoso chamado Ikkyu, que o incentivava a manter a simplicidade e a austeridade, usando objetos japoneses despojados, e que afirmava que a cerimônia do Chá produzia grande iluminação. Murata Shuko tornou-se mestre de Chá e pedia com insistência aos aristocratas que evitassem ostentações e bebessem o chá seguindo os preceitos budistas. Um de seus discípulos, Sen-no-Rikyu (1522-1591), é considerado até hoje a figura mais importante do caminho do Chá, tratado como seu fundador.

Sen-no-Rikyu aperfeiçoou e difundiu os ensinamentos do mestre. A cerimônia passou a realizar-se na mesma sala em que estavam os convidados e a sala passou a ser como uma cabana de eremita nas montanhas, com cerca de 2,7 metros quadrados, conforme a idéia de que pobreza e austeridade são mais apropriadas ao desenvolvimento espiritual e de que na simplicidade uma beleza maior se revela. Menos é mais, esse é o sentido, também conhecido como *wabi,* expressando libertação das preocupações materiais e mente serena, transcendental.

Os ensinamentos de Sen-no-Rikyu foram transmitidos a seu neto Sotan (1578-1658), conhecido pela humildade e sensibilidade. Seus três filhos continuaram o caminho do Chá, cada um liderando uma escola – Omotesenke, Urasenke e Mushanokojisenke – ainda praticadas no Japão e hoje difundidas em outros países.

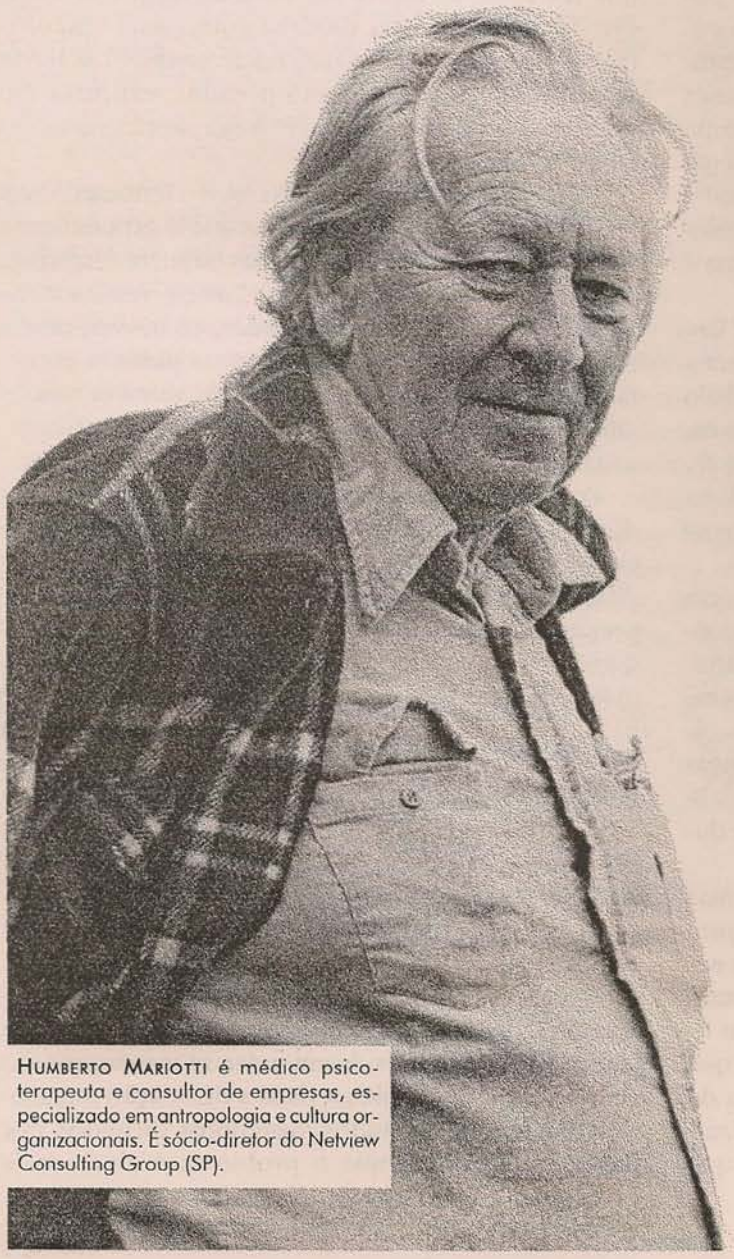
A prática do Chá era permitida apenas aos homens até o final do século XIX, quando mulheres começaram a praticá-lo e se tornaram Mestras de Chá.

Sen-Soshitsu (1923 ...) é o Décimo Quinto Grande Mestre de Chá da Escola Urasenke, desde a morte de seu pai em 1964. Líder de mais de dois milhões de seguidores, divulga o caminho do Chá pelo mundo a fim de promover paz e boa vontade entre os povos.

HUMBERTO MARIOTTI

GREGORY BATESON MÚLTIPLAS CONEXÕES DE UM CÉREBRO PRIVILEGIADO

Ignorado pelas traduções brasileiras, o antropólogo inglês, um dos mais importantes pensadores deste século, merece ser difundido além do âmbito de mero *cult object* acadêmico.



Bateson em Esalen, 5 de outubro de 1978

HUMBERTO MARIOTTI é médico psicoterapeuta e consultor de empresas, especializado em antropologia e cultura organizacionais. É sócio-diretor do Netview Consulting Group (SP).

Eis um fato surpreendente: fala-se que estamos numa época de grandes transformações, em que antigos pontos de vista cedem cada vez mais espaço a uma consciência ampliada do real e da condição humana. Aponta-se para o papel fundamental que a visão sistêmica do mundo desempenha em todo esse processo. E não existe entre nós, pelo menos publicado em veículo de circulação significativa, praticamente nada a respeito de Gregory Bateson – um dos pesquisadores mais importantes deste século.

O mínimo que se pode dizer é que sem sua contribuição todo esse acervo de idéias, propostas e ações transformadoras teria sido, senão impossível, pelo menos limitado e portanto menos motivador. É de se esperar que surjam novos e mais circunstanciais estudos a respeito de sua vida, trabalho e obra.

Gregory Bateson nasceu em Cambridge, Inglaterra, em 1904 e morreu nos Estados Unidos em 1980. Começou seus estudos de história natural ainda em Cambridge, graduando-se em antropologia. Seus primeiros trabalhos de campo levaram-no a Nova Guiné e resultaram na publicação de seu primeiro livro, *Naven*, um estudo da cultura de uma tribo local sob três pontos de vista e um dos primeiros exemplos de abordagem interdisciplinar.

A amplitude de seu horizonte intelectual fez com que desde cedo Bateson se interessasse por uma vasta gama de assuntos.

Para ele, a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade foram mais projeto de vida que postura científica.

Na Nova Guiné, Bateson conheceu a antropóloga norte-americana Margaret Mead, cuja estrutura de pensamento era muito semelhante à sua. Durante os catorze anos em que estiveram casados trabalharam juntos, inclusive em Bali. Da convivência surgiram as primeiras documentações fotográficas de comportamento à luz da etnologia (ramo da antropologia que estuda a cultura dos povos ditos primitivos), publicadas em *Balinese Character* em 1942. O que impressiona em *Naven* – um trabalho de 1936 – é que antecipa uma correlação que viria a se tornar mundialmente aceita: a obra é considerada um elo entre a antropologia e a cibernética. Esta, como se sabe, só começaria a tomar a forma que tem hoje nos anos 40.

Não ficaram por aí os interesses de Bateson. Depois da Segunda Guerra Mundial ele se mudou para a Califórnia. No Veterans Administration Hospital, em Palo Alto, voltou-se para o estudo do alcoolismo e da esquizofrenia. Por essa época, desenvolveu a teoria do duplo vínculo, situação que se estabelece quando uma pessoa se vê diante de mensagens de aceitação (amor) e rejeição.

Tais mensagens são simultâneas e não se excluem mutuamente, de modo que quem as recebe fica confuso. É um quadro muito comum no ambiente familiar, onde pais e filhos desempenham os papéis decisivos. Segundo Bateson, adultos jovens que desenvolveram esquizofrenia, talvez a mais grave das doenças mentais, caracterizada pela fragmentação da personalidade, com freqüência têm história de relação de duplo vínculo na infância.

Exemplificando: o pai diz "eu gosto de você", mas com suas atitudes demonstra "mas não posso me aproximar porque sua presença me causa sentimentos negativos. Como não quero me sentir mal, e ao mesmo tempo quero continuar gostando de você, prefiro ficar afastado e não deixar nada muito claro, porque isso iria magoar você". Ou: "Nós gostamos muito de você (mas temos de castigá-lo porque se não o fizermos você vai se comportar mal e não queremos que isso aconteça, porque pretendemos continuar gostando de você)".

O duplo vínculo é profundamente perverso, porque obriga a pessoa a conviver com uma ambigüidade externa que, por sua vez, lhe mostra a dificuldade que ela tem para lidar com a própria ambigüidade. Pior ainda, atinge mais cruelmente a personalidade (o Eu) e a auto-estima, numa idade em que elas estão em formação. Além disso, o duplo vínculo se processa pela lógica da contradição. Esta, por sua vez, entra em conflito com a lógica do Eu, que é basicamente linear, aristotélica, de não-contradição.

Duplo vínculo e esquizofrenia – A teoria da esquizofrenia de Bateson e colaboradores baseia-se na análise das comunicações interpessoais. Seu campo primordial de estudo é a estrutura familiar. O instrumental de abordagem é a teoria dos tipos lógicos, que faz parte da teoria das comunicações. A situação de duplo vínculo, descrita como uma "circunstância em que a vítima não pode ganhar", já havia sido intuída pela sabedoria popular, expressa em ditos como "se correr o bicho pega, se ficar o bicho come" e "morde e assopra".

Não é de estranhar, portanto, que o fenômeno seja tão disseminado e que as pessoas que o experienciam terminem desenvolvendo sintomas esquizofreniformes ou mesmo o quadro pleno da doença, resultado de respostas adaptativas inadequadas, como veremos a seguir. Por meio dessas respostas, as pessoas procuram modificar a realidade, tentando torná-la menos ameaçadora. A conseqüência final pode ser a alienação mental.

Por ser ambíguo e gerar ambigüidade, o fenômeno do duplo vínculo constitui uma distorção de comunicação, que leva a níveis intoleráveis as já conhecidas dificuldades que as pessoas têm de receber e interpretar mensagens. Antes do estudo da esquizofrenia que Bateson e colaboradores começaram em 1953, o matemático norte-americano Claude Elwood Shannon havia enunciado, em 1948, seu teorema, proposto em relação às comunicações telegráficas e telefônicas e hoje ampliado para as comunicações em geral. O teorema de Shannon diz que uma mensagem, enviada por qualquer canal, é influenciada por várias distorções durante a transmissão. O resultado é que, quando chega a seu destino, parte das informações que continha se perdeu.

Sendo assim, a situação de "não poder ganhar", característica do duplo vínculo, assume gravidade ainda maior. Além de difíceis de entender, as mensagens são em si mesmas incompletas, dada a dissipação mencionada no teorema. Estudos posteriores dirigidos por Bateson mostraram que o problema é ainda mais

complexo, pois envolve múltiplos modos de intercomunicação humana com jogos, não-jogos, humor, falsificação (consciente ou inconsciente), de sinais identificadores de modos como o riso, as atitudes amistosas e a aprendizagem.

Sabe-se que, em condições experimentais e no cotidiano, além de aprender, as pessoas podem aprender a aprender. E mais: podem aprender a trabalhar com muitos níveis de sinais ou mensagens, sob as mais diversas condições. Isso leva ao infinito as possibilidades de aprendizagem – para o bem e para o mal. Daí a gravidade de uma aprendizagem distorcida por uma experiência de vida como o duplo vínculo.

Convém assinalar que, para que os efeitos do duplo vínculo se manifestem, é necessário que a situação-base se repita com tal freqüência que termine se transformando em agente condicionador. Além da longa duração, precisa ocorrer em circunstâncias em que a vítima não tenha escapatória. É o caso das crianças no contexto familiar. (Ultimamente, autores norte-americanos têm observado o mesmo fenômeno em ambientes de trabalho). No fim, o padrão de resposta torna-se automático; a vítima acaba vendo o mundo pela ótica da dupla vinculação.

Modelos e metáforas – A condição de não permitir saída à vítima, como acabamos de ver, é indispensável para que o duplo vínculo conduza a situações patológicas. Quando há como escapar ao processo, a situação não só não leva à esquizofrenia, como pode até ser utilizada em contextos terapêuticos. Bateson observa que no trabalho de psicoterapia, conscientemente ou não, os terapeutas com freqüência provocam esse tipo de situação. Os pacientes, por sua vez, procedem da mesma forma. A diferença é que em tais cenários existe sempre possibilidade de saída. Ela se caracteriza pela oportunidade que a pessoa atingida tem de comentar as mensagens recebidas.

Essa oportunidade lhe confere uma capacidade de entendimento e discriminação que lhe permite escolher a alternativa a ser descartada, bem como aquela a ser considerada e trabalhada. Em outras palavras, ao receber uma comunicação, a pessoa-alvo pode intervir sobre ela, questionando-a, pedindo mais detalhes, mais definição. É isso que Bateson chama de fazer uma metacomunicação.

Um bom exemplo é o caso dos *koan* utilizados pelos mestres zen para trabalhar com seus discípulos o caminho da iluminação. Bateson menciona um. Diz o mestre:"Se você disser que este bastão que tenho na mão é real eu baterei em você com ele; se você disser o contrário, também baterei em você; se não disser nada, baterei da mesma forma". Neste caso, a desorientação acaba levando o discípulo a tomar uma providência – por exemplo, tirar o bastão da mão do mestre. Eis uma intervenção sobre uma mensagem recebida, uma metacomunicacão. No caso dos esquizofrênicos, porém, o condicionamento é tão profundo que eles perdem a capacidade de metacomunicar.

Pessoas normais interpretam situações de duplo vínculo como desafios. Quando recebem mensagens contraditórias, reagem atendo-se à literalidade. Bateson observa que este é o comportamento de testemunhas interrogadas na polícia ou nos tribunais: respondem literalmente, linearmente, dentro da lógica da não-contradição. Os esquizofrênicos, no entanto, são incapazes de diferenciar mensagens literais de comunicações metafóricas. Entram em crise quando alguém lhes propõe algo ambíguo, pois o confronto deflagra o condicionamento estabelecido pelo duplo vínculo. Nesses casos, respondem com metáforas ou, quando isso é impossível, interrompem os padrões usuais de comunicação interpessoal e retiram-se para um mundo exclusivamente seu – uma forma de fugir, ainda que inadequada.

Assim, pode-se considerar que até reagem à dupla vinculação. Só que o fazem de um modo que os aliena de si próprios e do contexto da ação, como acabamos de ver. Além disso, como também vimos, não têm capacidade de discriminar e portanto não percebem que estão usando metáforas, isto é, substituindo a literalidade por outro modo de comunicação. Em suma, os sistemas de sinais que utilizam são diferentes dos das pessoas normais.

Há três comportamentos esquizofrênicos principais diante de uma mensagem contraditória. O primeiro consiste em procurar um subtexto em tudo o que se ouve, imaginar que toda mensagem "tem algo por trás". Isso leva a uma conduta de suspeita e desconfiança constantes, típica da esquizofrenia paranóide. O segundo comportamento manifesta-se pela recepção de mensagens sempre em sentido literal. Se alguém diz "é tiro e queda", o ouvinte procura o ferido ou o cadáver. Neste quadro, correspondente à esquizofrenia hebefrênica, surge um padrão de pensamento concreto, infantil. Tudo é motivo de riso. O terceiro padrão comportamental consiste em ignorar sistematicamente as mensagens. A pessoa tende a se afastar de tudo e a se encastelar cada vez mais em seu mundo interior. Este é o quadro da esquizofrenia catatônica.

Cotidiano e responsabilidade – Bateson assinala que, nesses comportamentos, as pessoas perderam a capacidade de auto-regulação. Passam a agir como qualquer sistema cibernético, ou seja, auto-regulável, que se descontrolou e está no mundo como um barco à deriva. É óbvio que esses comportamentos, levados ao extremo pela patologia, são observados em pessoas

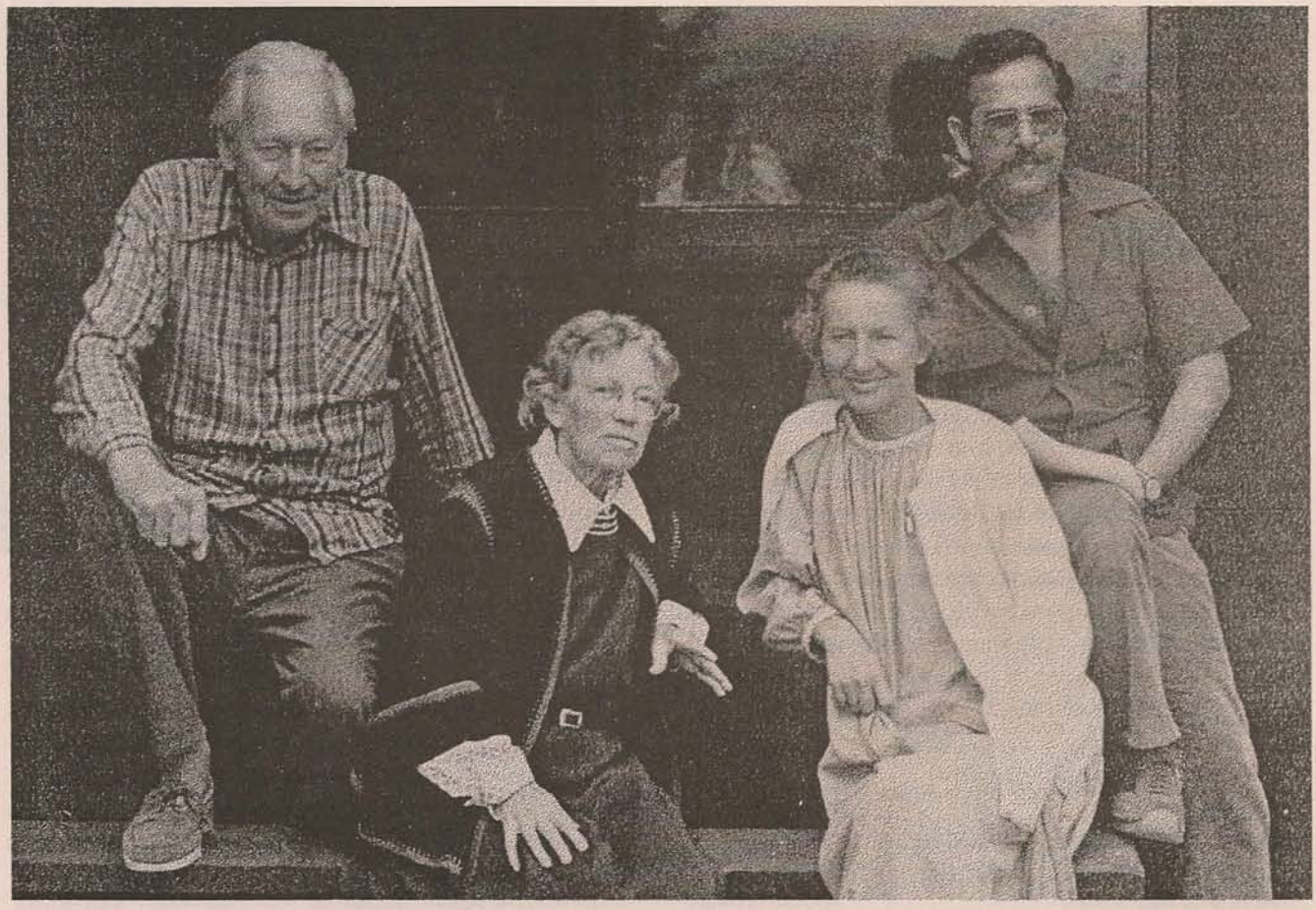


Foto de G. Frederick Roll

Gregory Bateson, Margaret Mead, Lois Bateson e Barkev Kasarjian

normais. Todos conhecemos o tipo que suspeita de tudo, o que desqualifica qualquer situação transformando-a em brincadeira e o que se afasta de todos.

Rotulá-los de indivíduos que não querem se comprometer, que não assumem suas responsabilidades perante a vida, é até certo ponto correto, mas simplista. Também podemos ver em tais casos modelos diferentes de comportamento, contramensagens de gravidade variável em termos de patologia, ou até formas de pedir socorro. Não atender a esses pedidos seria – agora de nossa parte – fugir a uma responsabilidade e a um desafio que nos são apresentados pela própria condição humana. Como todo sistema, tais indivíduos têm sua sobrevivência ligada ao nível de complexidade que conseguem atingir. Sem essa complexidade crescente se tornarão, também de forma crescente, incapazes de conviver com o conflito, o aleatório e a mudança.

Mas nem tudo é desesperança. Ao que tudo indica, existe uma auto-regulação maior que transcende tudo isso. Não há outro modo de explicar certos fatos do cotidiano. Vejamos alguns exemplos. O sociólogo Edgar Morin, que como Bateson está entre os maiores pesquisadores do século, entrou em contato com a obra do antropólogo por intermédio de Anthony Wilder, do Departamento de Comunicação da Universidade de San Diego, Califórnia. Daí seguiu adiante, rumo às várias linhas de fluxo que se entrelaçam na teoria dos sistemas. O contato foi decisivo para a continuidade da obra moriniana, conforme ele próprio destaca em *O Paradigma Perdido*. Morin e Bateson: dois mananciais de criatividade e polivalência, fios maiores da imensa rede de esforço humano rumo a uma concepção sistêmica, complexa e global de mundo.

Sabemos também que Margaret Mead e Bateson tiveram um estreito relacionamento com Milton H. Erickson, psicoterapeuta do Arizona que influenciou de forma exemplar toda uma linha de pesquisa. Ela parte de uma psicoterapia original, não-dogmática e criativa, passa por uma metodologia singular de hipnose clínica e desemboca na programação neurolingüística que, preconceitos e equívocos à parte, surge como abordagem no mínimo merecedora de novos e bem conduzidos estudos.

Em Erickson, Bateson localizou a contribuição da hipnose ao estudo da esquizofrenia. Observou que delírios, alucinações e outros fenômenos aparecem com freqüência em pessoas hipnotizadas, mesmo quando não sugeridos pelo hipnotizador. Destacou também o modo como Erickson utiliza o duplo vínculo em hipnose. Diz ele ao

paciente: "Sua mão não pode se movimentar, mas quando eu der o sinal ela se moverá".

Eis uma mensagem contraditória, incompreensível pela lógica da não-contradição e introdutora da dupla vinculação: "Sua mão não pode se mover mas pode". Erickson então dá o sinal combinado e o hipnotizado tem uma alucinação: vê sua mão, declaradamente imóvel, movimentar-se. Neste caso, como nota Bateson, a alucinação foi uma saída para o duplo vínculo, embora inadequada para o cotidiano – exatamente como acontece com as alucinações dos esquizofrênicos.

PROFUNDIDADE, AMPLITUDE, GLOBALIDADE – Embora longas, estas considerações se fizeram necessárias por dois motivos principais. Primeiro, para mostrar como a dificuldade de comunicação interpessoal continua sendo o maior entrave à convivência dos seres humanos na família, no trabalho ou em qualquer outro contexto. Isso às portas do Terceiro Milênio e depois de praticamente cem anos de psicoterapia. O segundo é que a diversidade de uma obra como a de Bateson é melhor ilustrada por um exemplo representativo. É evidente que, por si só, uma teoria não explica nem resolve tudo. Mas há aspectos sobre os quais parece não restar dúvida. Um deles é a identificação do pensamento batesoniano com uma rede mais ampla de energia mental que inclui as maiores cabeças deste século.

Essa imensa teia, cujos fios inter-relacionam tantos campos, é que faz chegar à tecnicidade do conhecimento o acervo vivencial da sabedoria, transformando-o no que chamamos de "conhecimento sábio". São elos que unem núcleos poderosos de pensamento como os de Bateson, Margaret Mead, Ruth Benedict, Teilhard de Chardin, Sri Aurobindo, Albert Einstein, Milton H. Erickson, Aldous Huxley, Arthur Koestler, Jiddu Krishnamurti, Edgar Morin e R. Buckminster Fuller, entre muitos outros.

O que há em comum entre estas pessoas? Muita coisa: tendência para a unicidade, ordem e método sem dogmatismos, ousadia, espontaneidade, diferenciação, complexidade, visão de futuro, senso de justiça social, ludicidade na seriedade, independência, totalidade, transcendência, sinergia. São atributos, aliás, componentes dos Valores S – Valores do Ser na definição do psicólogo Abraham Maslow, outro membro da rede. Agora talvez esteja clara a noção do que Bateson chama de *padrão que liga*, quando ele chega a um ponto em que ciência e religião (entendida aqui como *religare*, voltar a unir saberes dispersos) se reencontram.

Para um pensador como Bateson, se a proposta é religar, está fora de cogitação a mera substituição de conceitos. O padrão que liga aparece minuciosamente em seu livro *Steps to an Ecology of Mind*. Nele, o autor está à vontade em temas tão variados como caráter moral e social, teoria dos jogos e da fantasia, categorias lógicas de aprendizagem, cibernética, problemas de comunicação em cetáceos e outros mamíferos, ecologia, o papel das alterações somáticas na evolução, entre outros.

Todo esse acervo está sintetizado em seu livro *Mente e Natureza: a Unidade Necessária*, o único traduzido entre nós. Até seus últimos dias, Bateson continuou frisando a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre a complexidade dos sistemas biológicos e sociais. A metodologia utilizada inclui os *metálogos*, conversas sobre assuntos problemáticos, conduzidas de tal modo que os participantes discutem o tema, mas acrescentam a estrutura e a totalidade do diálogo à discussão.

Essa maneira de superar a dicotomia sujeito-objeto permite que a discussão se auto-alimente o tempo todo. Isso a mantém aberta a múltiplos atravessamentos, característica básica dos sistemas abertos, não sujeitos à entropia, isto é, à degradação progressiva da energia interna que ocorre nos sistemas fechados e que os leva à desestruturação e ao desaparecimento. Bateson vê a interação da teoria da evolução e sua história como um metálogo entre o homem e a natureza, onde a criação e troca de idéias representa o fator de manutenção da abertura – isto é, da sobrevivência do sistema.

Não surpreende que muitos dos conceitos batesonianos sejam tidos como difíceis de entender. Numa cultura em que o imediatismo e a superficialidade predominam, não é fácil tornar popular um pensador que diz coisas como: "A tarefa do antropólogo o leva a desembarcar em lugares estranhos. (...) Estou aqui para relacionar este lugar estranho a outros estranhos lugares do mundo, onde os homens se reúnem em prece, talvez em celebração, talvez simplesmente para afirmar que existe algo maior no mundo do que dinheiro, canivetes de bolso e automóveis".

Mais do que serem entendidas, estas palavras devem trazer um desafio: o de difundir ao máximo o pensamento de pessoas como Bateson e mostrar que ele ultrapassa em muito o ornamentalismo de um mero *cult object* acadêmico. ▲

BIBLIOGRAFIA

- *Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinean Tribe Drawn from Three Points of View*, G. Bateson, Cambridge University Press, Cambridge, 1936.
- *Balinese Character: A Photographic Analysis. Special Publication of the New York Academy of Sciences*, vol. 2, G. Bateson, Margaret Mead, New York Academy of Sciences, NY, 1942.
- *Steps to an Ecology of Mind*, G.Bateson, Ballantine Books, NY, 1972.
- *Interacción Familiar: Aportes Fundamentales sobre Teoría y Técnica*, G. Bateson e outros, Ediciones Buenos Aires, Bs. As., 1980.
- *Mente e Natureza: a Unidade Necessária*, G. Bateson, Francisco Alves, RJ, 1986.
- *Synergetics, Exploration in the Geometry of Thinking*, R. Buckminster Fuller, Macmillan Publishing Company, NY, 1982.
- *Le Paradigme Perdu, La Nature Humaine*, E. Morin, Seuil, Paris, 1973.
- *Communication, The Social Matrix of Psychology*, Jurgen Ruech, G. Bateson, W.W. Norton & Company, NY, 1951.

PAINEL

Surge Universidade da Paz

O próprio Dalai Lama e personalidades de áreas tão diversas quanto a cantora lírica Montserrat Caballé e o ator Anthony Quinn estão entre os mais de duzentos participantes que chegaram de todas as partes do mundo, no final de janeiro de 1995, para o curso inaugural da Universidade da Paz em Berlim e Postdam.

Mais de 750 personalidades e instituições dos cinco continentes apóiam a iniciativa, que conta com o patrocínio de dez prêmios Nobel da Paz, entre os quais o bispo Desmond Tutu e o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. A idéia de uma Universidade da Paz com fins interdisciplinares e interculturais partiu da iniciativa privada, explicou o escritor alemão Uwe Morawetz, presidente da sociedade promotora de sua fundação. O objetivo da Universidade é ser um fórum aberto aos mais diversos conceitos, visões e modelos sóciopolíticos e econômicos. A longo prazo, outra meta é torná-la ponto de encontro e convivência de estudantes e cientistas, políticos, economistas e representantes da cultura e da religião.

O primeiro curso, aberto aos interessados, terá lugar de 1º de setembro a 1º de outubro em 16 centros culturais de Berlim e Postdam. Subdividido em trezentos cursos e eventos, abordará temas que vão da imigração internacional de mão-de-obra e a reforma das Nações Unidas à história da magia e o tango, passando pela mística cristã e a essência do hinduísmo. A cerimônia oficial de fundação da Universidade da Paz será realizada no dia 1º de outubro, coincidindo com o fim do primeiro curso e 50 anos após o término da Segunda Guerra e a criação da ONU.

Religiões e Meio Ambiente: Fórum Mundial

Passados nove anos do célebre encontro em Assis – onde os maiores líderes religiosos do mundo se reuniram para se conhecer e dialogar sobre os grandes problemas da humanidade neste final de século –, o príncipe Philip, duque de Edimburgo, presidente internacional do World Wide Fund for Nature, sugeriu um novo encontro. O propósito é avaliar os avanços alcançados nestes nove anos e estudar a elaboração de um programa comum de preservação e educação ambiental.

Maiores informações:
UN Summit Office - 25-28 Old Burlington
London WIX 1LB - England
Fax: 44(0) 171 439-1249

4ª Conferência Internacional sobre a Mulher

Tal como aconteceu na ECO 92, esta conferência constará de duas pares: uma governamental, de 4 a 15 de setembro; outra não-governamental, de 30 de agosto a 8 de setembro. Ambas serão em Beijing, China, e terão como tema central a situação da mulher, os programas executados desde a Conferência de Nairobi (onde o tema foi abordado pela primeira vez em 1985) e um programa de ação para o futuro.

Para a sessão não-governamental são esperados mais de 20.000 participantes do mundo todo. Sua missão será exigir dos governos a efetiva eliminação de todo e qualquer tipo de discriminação contra a mulher.

A sessão oficial, cujo tema é "Igualdade, Desenvolvimento e Paz", terá como secretária geral Gertrude Mongella, da Tanzânia.

Para informações detalhadas sobre participação, programa, hospedagem, alimentação, transporte, escrever para: DAW (Division for the Advancement of Women) - P.O.BOX 4959 - United Nations NY 10017 - USA

Iniciativa indígena pela Paz

Esse é o nome do grupo encabeçado por Rigoberta Menchu Tum, Prêmio Nobel da Paz, o qual adotou recentemente a resolução de criar um novo mecanismo nas disputas entre povos indígenas e governos.

Além de visar a autodeterminação de cada povo, o objetivo da resolução é desenvolver uma campanha educacional na vida cotidiana e realçar o papel da atuação dos povos indígenas na comunidade mundial.

Contato: Promoter Comittee - Indigenous Initiative for Peace - Heriberto Frias 339
Col. Navarte - CP 03020 - México DF
Tel: (525) 638-0346 - Fax: (525) 639-3976
email: indipaz@laneta.apc.org.

Declaração de Ética Global

"Nós declaramos:

Somos interdependentes. Cada um de nós depende do bem-estar do todo e, assim, sentimos respeito pela comunidade dos seres vivos, pelas pessoas, pelos animais e plantas e pela preservação da Terra, do ar, da água e do solo.

Assumimos a responsabilidade individual por tudo o que fazemos. Todas nossas decisões, ações e omissão de ações têm conseqüências.

Devemos tratar os outros como gostaríamos que os outros nos tratassem. Assumimos o compromisso de respeitar a vida e a dignidade, a individualidade e a diversidade, para que cada pessoa, sem exceção, seja tratada humanamente. Devemos ter paciência e visão positiva da vida. Devemos saber perdoar, aprendendo com o passado, sem jamais nos tornarmos escravos de lembranças odiosas. Abrindo nossos corações aos outros, devemos eliminar nossas pequenas diferenças em prol da causa da comunidade mundial, pondo em prática uma cultura de solidariedade e de relacionamento harmônico.

Consideramos a humanidade nossa família. Devemos nos esforçar por ser bons e generosos. Não devemos viver somente em função de nós mesmos, mas também para servir a outros, nunca nos esquecendo das crianças, dos idosos, dos pobres, dos que sofrem, dos incapazes, dos refugiados e dos que vivem na solidão. Ninguém deveria jamais ser considerado ou tratado como cidadão de segunda categoria, ou explorado de nenhuma forma. Deveria existir parceria de iguais entre homens e mulheres. Não devemos cometer nenhum tipo de imoralidade sexual. Devemos deixar para trás qualquer forma de dominação ou abuso.

Assumimos o compromisso com uma cultura de não-violência, respeito, justiça e paz. Não praticaremos opressão, ofensa, tortura, nem mataremos outros seres humanos, abandonando a violência como meio de resolver diferenças.

Devemos nos empenhar por uma ordem socioeconômica justa, na qual todos tenham oportunidade igual para atingir o potencial máximo do ser humano. Devemos falar e agir com veracidade e compaixão, tratando a todos com eqüidade, evitando preconceitos e ódios. Não devemos roubar. Devemos nos colocar acima da cobiça por poder, prestígio, dinheiro e consumo, a fim de criarmos um mundo justo e pacífico.

A Terra não poderá ser mudada para melhor sem que se mude antes a consciência dos indivíduos. Comprometemo-nos a expandir nossa consciência disciplinando nossas mentes por meio da meditação, da oração, ou pelo pensamento positivo. Sem riscos e sem disposição ao sacrifício não haverá mudanças fundamentais em nossa situação. Comprometemo-nos, portanto, com essa ética global; comprometemo-nos à compreensão do outro, a adotar modos de vida socialmente benéficos, geradores de paz e que estejam em harmonia com a natureza.

Convidamos todas as pessoas, religiosas ou não, a fazer o mesmo."

Assinado por mais de 125 líderes e representantes de 17 diferentes tradições religiosas, durante o encerramento do Parlamento das Religiões do Mundo, em agosto de 1993, em Chicago.

Fórum sobre a situação do mundo

Analisar a situação atual do mundo e articular os princípios fundamentais das práticas e valores necessários para moldar de maneira construtiva o início do século 21. Será essa a tarefa do Fórum sobre a Situação do Mundo (State of the World Forum), presidido por Mikhail Gorbachev, a ser realizado em São Francisco, Califórnia, de 28 de setembro a 1º de outubro de 1995.

Além de personalidades da esfera política mundial convidadas para a co-presidência, estão sendo convocados, por suas contribuições ou pela singularidade de sua visão, ex-chefes de estado, atuais e emergentes líderes políticos, executivos de corporações, eminentes pensadores, seletos dignitários e jovens selecionados por organizações educacionais internacionais.

O propósito do Fórum é reunir indivíduos pensantes de todo o mundo para refletir sobre o futuro das grandes questões da comunidade humana, assegurando equilíbrio correto não apenas para a humanidade mas entre a humanidade e a Terra.

O Fórum incluirá criação de material histórico e educacional impresso e audiovisual.

Para cobrir despesas operacionais, são solicitados patrocínios de corporações e fundações. A renda líquida reverterá em projetos sem fins lucrativos para continuidade do diálogo e revisão das prioridades globais.

Para maiores informações contatar:
The Gorbachev Foundation/USA
The Presidio - Box 29434 - San Francisco, CA 94129 - USA.
Tel: (415) 771-4567 - Fax: (415) 771-4443, com John Balbach.

47ª Conferência anual de ONGs

Mais de 1400 participantes de sessenta países estiveram presentes à 47ª Conferência Anual de Organizações Não-Governamentais, de 20 a 22 de setembro de 1994, em 1994, em Nova York.

Boutros Boutros-Ghali, secretário geral das Nações Unidas, exortou as ONGs a mobilizarem a opinião pública para promover a paz.

A força crescente que esse tipo de organizações vai ganhando no mundo e a capacidade de se articularem internacionalmente lhes faculta assumir o papel inadiável de promover, sustentar e construir instrumentos efetivos de paz.

Contato: Vincent Marie Piola,
Chief, NGO Section - UN Departament of Public Information - 801 UN Plaza, S-1037A
New York - NY 10017 - USA
Fax: (212) 963-6914

Missão Terra para jovens e crianças

Peace Child International é uma instituição filantrópica sem fins lucrativos, registrada na Inglaterra, Estados Unidos, Holanda, Rússia e Israel, com organizações filiadas em trinta outros países. Formada em 1981, visa dar às crianças a confiança de que necessitam para lidar com os desafios que enfrentam ao longo de suas vidas. Os muitos programas que produz incluem intercâmbios de jovens no verão, produção de livros e peças de teatro.

Missão Terra é o principal projeto da Peace Child para os anos 90. Para participar, envie seu nome e endereço completos. Você receberá grátis o mais recente número de *Ação Atual* e um formulário para associar-se. Como sócio, você será correspondente e estará apto a trabalhar como membro do Quartel-General da Missão Terra, formado por gente jovem do mundo.

Endereços:

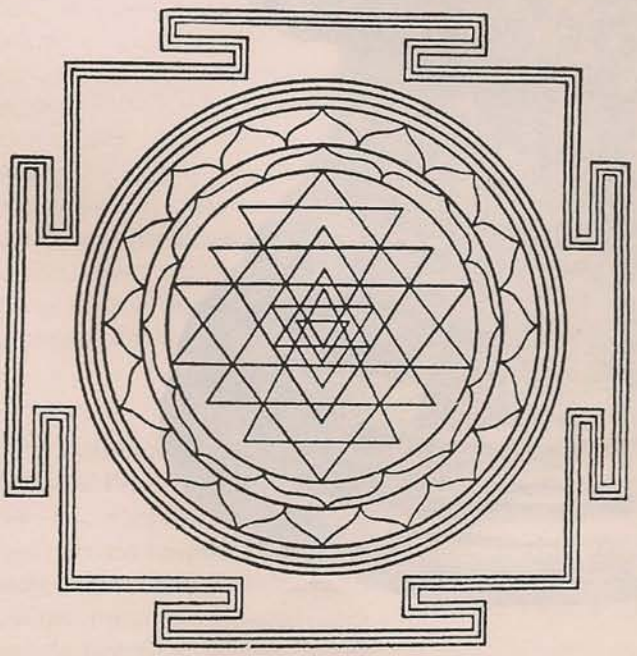
Rescue Mission Headquarters
Peace Child International Centre - The White House - Buntingford England SG9 9AH

Rescue Mission USA - 11426-28 Rockville Pike - Suite 100 - Rockville MD 20852 USA

Extraído do livro *Missão Terra: O Resgate do Planeta*, escrito e editado por crianças e jovens do mundo todo. Edição em português do original *Rescue Mission* pela Melhoramentos, São Paulo, 1994

MANDALA
AS FORMAS DO UNIVERSO

Os símbolos, os significados, a dimensão sagrada, a função iniciática do mandala enquanto representação do cosmos. Do livro ***Ioga, imortalidade e liberdade,*** de Mircea Eliade, próximo lançamento da Editora Palas Athena.



Yantra dos yantras, assim chamado porque nele a eternidade e o tempo se abraçam

Em sânscrito, mandala significa literalmente "círculo", embora as traduções tibetanas o definam ora como "centro", ora como "aquilo que cerca". Na realidade, é um desenho muito complexo, composto de um anel externo e um ou mais círculos concêntricos que encerram um quadrado dividido em quatro triângulos. No meio de cada triângulo, e também no centro do mandala, outros círculos contêm figuras de divindades ou seus emblemas.

Este esquema iconográfico é suscetível de infinitas variantes. Certos mandalas têm aparência de labirinto, outros de um palácio com muralhas, torres e jardins, onde desenhos florais se alternam com estruturas cristalográficas que se assemelham a diamantes ou flores de lótus.

Mandala de lótus. Arte tibetano-chinesa, bronze, séc. XVII

O mandala mais simples é o *yantra,* utilizado pelo hinduísmo. Literalmente "objeto que serve para reter", "instrumento", "artefato", é um diagrama desenhado ou gravado em metal, madeira, pele, pedra, papel ou simplesmente inserido no solo ou traçado sobre uma parede.

Sua estrutura pode ser considerada como paradigma linear do mandala. Um *yantra* é constituído de uma série de triângulos – nove no *ariyantra* (literalmente, "que protege dos inimigos"), quatro com o vértice para cima e outros cinco invertidos – no meio de numerosos círculos concêntricos guarnecidos por um quadrado com quatro "portas".

O triângulo com o vértice voltado para baixo simboliza *yoni,* Xakti, o princípio feminino. O de vértice voltado para cima indica o princípio masculino, Xiva. O ponto central (*bindu*) significa o Brahman (a realidade suprema sobre a qual nada se pode predicar) não-diferenciado. Assim, o *yantra* apresenta, através de seu simbolismo linear, as manifestações cósmicas a partir da unidade primordial.

Como se vê, o mandala é ao mesmo tempo imagem do universo e teofania; a criação cósmica como manifestação da divindade. Além disso, serve de receptáculo para os deuses. Na Índia védica os deuses "desciam" ao altar – nas origens, todo altar ou lugar sagrado era considerado um espaço privilegiado, magicamente separado do resto do território. Nesse espaço qualitativamente distinto, o sagrado manifestava-se por uma ruptura de nível que permitia a comunicação entre as três zonas cósmicas: céu, terra e regiões subterrâneas, concepção que estava extremamente disseminada, ultrapassando as fronteiras da Índia e mesmo da Ásia. E é nessa valorização do espaço sagrado como Centro do Mundo e, portanto, lugar de comunicação com o céu e os infernos, que se fundava o simbolismo das cidades reais, dos templos, das cidades e, por extensão, de toda morada humana.

PORTAS PARA O SAGRADO – O tantrismo (tradição sincrética derivada do hinduísmo, do jainismo e do budismo tardio) usa esse simbolismo arcaico, integrando-o em novos contextos.

O anel exterior do mandala consiste em uma "barreira de fogo", que de um lado impede o acesso dos não iniciados, mas de outro simboliza o conhecimento metafísico que "queima" a ignorância. Em seguida vem um "cinturão de diamante" – o diamante é símbolo da consciência suprema, *boddhi,* a iluminação.

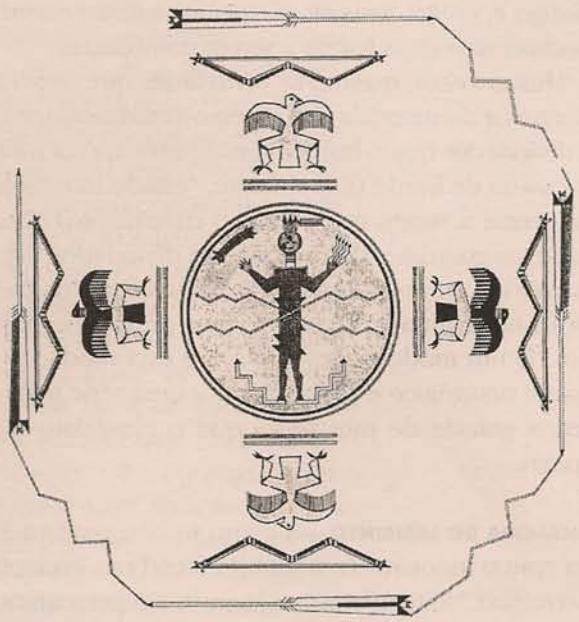
No interior do "cinturão de diamante" está inscrito um círculo ao redor do qual estão representados oito "cemitérios" simbolizando os oito aspectos da consciência desintegrada, motivo iconográfico que surge sobretudo nos mandalas dedicados às divindades aterrorizantes.

Segue-se um "cinturão de folhas", que expressam o renascimento espiritual. No centro desse último círculo acha-se o mandala propriamente dito, também chamado "palácio" (*vimana*), isto é, o lugar onde se colocam as imagens das divindades.

O simbolismo da realeza desempenha papel importante nas construções e no ritual do mandala. Na Índia, como em outras partes, a soberania está associada ao sagrado. O Buda é o *cakravartin* por excelência: o "cosmocrata".

A cerimônia que se desenrola no interior do mandala é, de fato, um ritual de consagração real, um batismo com água. As imagens do Buda, dispostas nos diversos círculos, levam tiaras reais e, antes de penetrar no mandala, o discípulo recebe das mãos de seu mestre as insígnias reais. Este simbolismo é fácil de compreender. O discípulo é assimilado ao soberano porque, autônomo e perfeitamente livre, se eleva acima das forças cósmicas. A liberdade espiritual – e isto, não só na Índia – sempre foi expressa pela soberania.

Na parte externa da construção, abrem-se quatro "portas cardeais", defendidas por imagens assustadoras chamadas "guardiães dos portais", com duplo papel. De um lado os guardiães defendem a consciência contra as forças desagregadoras do inconsciente. De



Pintura de areia navaja, representando o conquistador das forças demoníacas

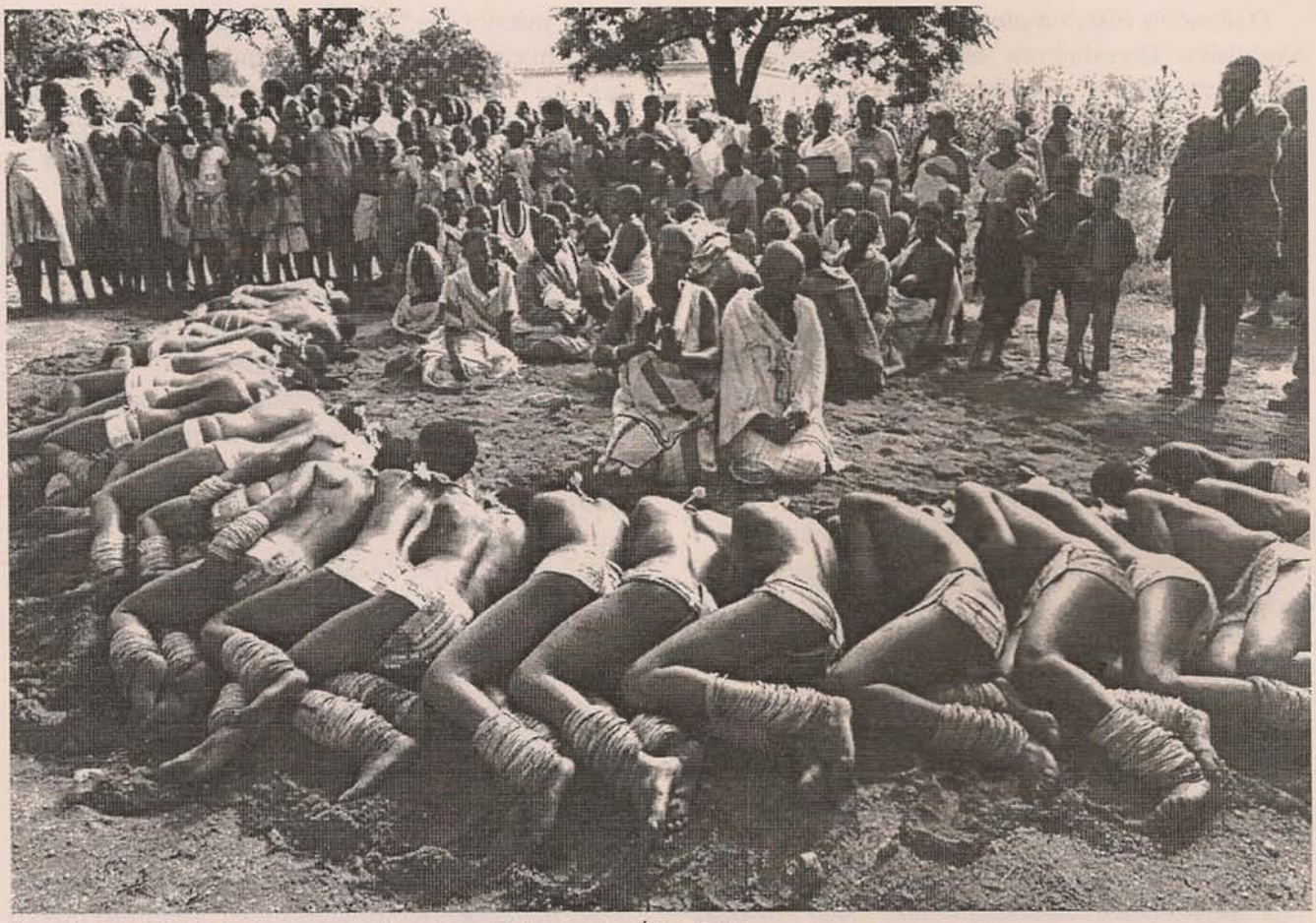


Foto de Peter Carmichael

Mandala vivo de iniciação das virgens após as chuvas. Tribo bavenda, África do Sul

outro, têm missão ofensiva. Pois para ter domínio sobre o mundo fluido e misterioso do inconsciente, a consciência deve levar a luta ao próprio campo do inimigo e, então, assumir o aspecto violento e terrível condizente com as forças a serem combatidas.

Muitas vezes, mesmo as divindades que se acham no interior do mandala têm aspecto amedrontador. São as divindades que o homem encontrará após a morte, no estado de bardo (literalmente, "estado intermediário", entre a morte e o próximo nascimento). Desse modo, os guardiães dos portais e as divindades aterrorizantes deixam bem claro o caráter iniciático da penetração no mandala. Toda iniciação pressupõe passagem de um modo de ser a outro e esta mudança de regime ontológico é precedida por uma série mais ou menos grande de provações que o candidato deve superar.

À MANEIRA DO LABIRINTO – A prova iniciática típica é "a luta com o monstro" (em sentido literal nas iniciações guerreiras). No tantrismo, os monstros representam as forças do inconsciente saídas do "vazio" universal. Trata-se de vencer o medo que elas suscitam. Ora, sabe-se que o tamanho e o aspecto terrível dos "monstros" nada mais são que uma criação do "medo iniciático".

Este aspecto da iniciação revela certas semelhanças de estrutura entre o mandala e o labirinto. Numerosos mandalas têm desenho nitidamente labiríntico. Entre as funções rituais do labirinto, duas nos interessam de maneira especial. Uma é a que simboliza o além, e quem quer que ali penetre graças à iniciação realiza efetivamente um *descensus ad inferus* (uma descida aos infernos) – "morte" seguida de "ressurreição". A outra é um "sistema de defesa", tanto espiritual (contra os maus espíritos e demônios, forças do caos) como material (contra os inimigos).

A cidade constituía, como o templo ou o palácio, um Centro do Mundo. Eram os labirintos ou muros que a defendiam dos invasores e forças maléficas, dos "espíritos do deserto" que tratam de arrastar as formas ao estado de amorfismo de onde saíram. Vista deste ângulo, a função do mandala, como a do labirinto, seria no mínimo dupla: de iniciação, por meio da inserção em um mandala desenhado no chão, e de defesa do discípulo de toda força destrutiva, ajudando-o a concentrar-se, a achar seu próprio centro.

A liturgia comporta certo número de ritos. Para começar, o terreno onde será desenhado o mandala, escolhido com cuidado, deve ser limpo, sem pedras ou mato – ou seja, assemelhado ao nível transcendente. Isso já indica o simbolismo espaço-temporal do mandala, que visa introduzir o discípulo em uma esfera ideal, transcósmica.

Sabe-se que o terreno plano é a imagem do Paraíso, ou de qualquer outro nível transcendente. As vertentes orográficas, ao contrário, significam a Criação, a aparição das formas e do Tempo. Assim, podemos ver no mandala uma imagem do Paraíso, comprovada por muitos simbolismos paradisíacos. Há, para começar, a semelhança entre o panteão integrado ao mandala e os Paraísos, como foram imaginados pelos budistas (Sukhavati, Abhirati, Tusita, Trayastrimsa etc.). No centro está sentado o deus supremo em seu pavilhão real, cercado de outras divindades, no meio de um parque com lagos, flores e pássaros.

O Paraíso dos budistas nada mais é, porém, do que uma variante entre outras do Paraíso indiano, cuja imagem mais antiga é Uttarakuru, o País do Norte, considerado a morada dos bem-aventurados. Segundo os textos budistas, Uttarakuru, Terra de Ouro, brilha noite e dia e goza de quatro qualidades: terreno plano, calma absoluta, ar puro, árvores sem espinhos. Como na terra na Idade do Ouro, o arroz cresce sem ser semeado.

A MARCHA PARA O CENTRO – O simbolismo paradisíaco do mandala surge igualmente de outro elemento: a expulsão dos demônios. Purifica-se de demônios o terreno, invocando-se a Deusa da Terra, a mesma evocada pelo Buda na noite de Bodhgaya (local perto de Patna, na Índia, onde o Buda atingiu a iluminação após 49 dias de meditação). Em outras palavras, repete-se o gesto exemplar do Buda e o terreno transforma-se magicamente em Terra de Diamante que, como vimos, é símbolo da incorruptibilidade, da realidade absoluta. Tudo isto implica abolição do Tempo e da História e a volta a *in illo tempore* (àquele tempo), instante exemplar da iluminação do Buda. É sabido que a abolição do Tempo é uma síndrome paradisíaca.

Feitos esses preparativos, desenha-se o mandala com ajuda de duas cordas. A primeira, branca, traça os limites externos do mandala. A segunda é feita de fios de cinco cores diferentes (também se pode desenhar o diagrama com pó de arroz colorido). Nos triângulos, colocam-se vasos cheios de substâncias preciosas ou perfumadas, faixas, flores, ramos etc. para a "descida" dos deuses.

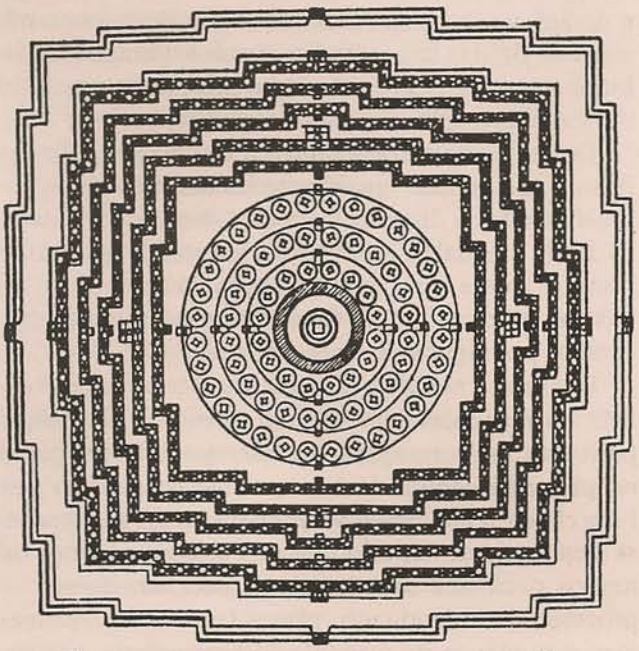
A iniciação realiza-se em dia propício e local perto do mar ou de um rio. Na noite que precede a cerimônia, o discípulo adormece na posição do "Buda entrando no nirvana", a "postura do leão", deitado sobre o lado direito pousando a cabeça sobre a mão. No dia seguinte conta seus sonhos ao guru e só se procede à iniciação se o guru julgar que o dia é propício.

A cerimônia propriamente dita começa por uma série de purificações e consagrações. Uma vez terminadas, o guru venda os olhos do discípulo e lhe coloca uma flor na mão. A flor, jogada no interior do mandala, revela a divindade que lhe será particularmente favorável durante a iniciação.

A penetração no mandala é uma "marcha em direção ao Centro". Sabe-se que o caminhar ritual em torno de uma estupa (monumento relicário ou comemorativo, característico do budismo), assim como galgar os sucessivos terraços dos grandes monumentos religiosos, indicam igualmente a "marcha em direção ao Centro".

Como o mandala é uma *imago mundi* (imagem do mundo), seu centro corresponde ao ponto infinitesimal atravessado perpendicularmente pelo *áxis mundi* (o eixo do mundo). Aproximando-se dele, o discípulo aproxima-se do "Centro do Mundo". Assim, desde que entra no mandala, o discípulo se acha em um espaço sagrado, fora do Tempo: os deuses já "desceram" aos vasos e insígnias.

Uma série de meditações, para as quais o discípulo já está preparado, o ajudam a reencontrar os deuses em seu próprio coração. Assiste então, como em uma



Planta arquitetônica do templo budista de Borobudur, Índia

visão, à emergência de todas as divindades que se evolam de seu coração, enchem o espaço cósmico e são reabsorvidas por esse espaço.

Ele "realiza", portanto, o processo eterno da Criação e Destruição periódica do mundo, o que lhe permite penetrar nos ritmos do Grande Tempo cósmico e compreender sua vacuidade. Quebra o plano do samsara (ciclo de vida, morte e renascimento) e desemboca no plano transcendente.

Uma vitória espiritual – Desenhado sobre tecido, o mandala serve de "suporte" à meditação. O iogue utiliza-o como defesa contra as distrações e tentações mentais. O mandala "concentra", torna o meditante invulnerável aos estímulos externos. Percebe-se aqui a analogia com o labirinto, que protege dos maus espíritos ou dos adversários.

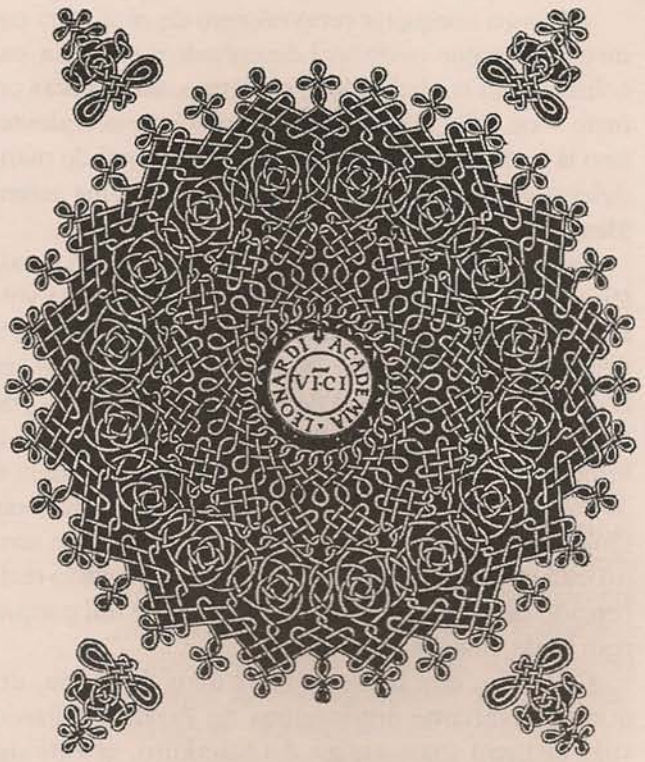
Ao penetrar mentalmente no mandala o iogue aproxima-se de seu próprio "Centro", exercício espiritual que pode ser entendido em dois sentidos. Um: para chegar ao Centro o iogue refaz e domina o processo cósmico, pois o mandala é a imagem do mundo. Dois: como se trata de uma meditação, e não de um ritual, a partir deste "suporte" iconográfico, o iogue pode reencontrar o mandala em seu próprio corpo.

Não se pode jamais perder de vista que o universo tântrico é constituído de uma série indefinida de analogias, semelhanças e simetrias. A partir de qualquer nível é possível estabelecer comunicações místicas com os outros níveis, para reduzi-los finalmente à unidade e dominá-los.

O mandala não é exclusivo das culturas mencionadas. Em culturas muito diversas (na América do Norte e do Sul, na Oceania e outras) descobriu-se certo número de figuras baseadas em círculos, triângulos e labirintos, cuja relação com o culto fica evidente no caso de "círculos mágicos" e labirintos iniciáticos.

Desenhos rituais de algumas tribos norte e sul-americanas apresentam igualmente caráter mandálico, representando as diversas fases da Criação e do universo. Esses mandalas, desenhados sobretudo quando se procede a uma cura, levam-nos a outra classe de mandala descoberto por Carl Gustav Jung nas pinturas executadas por alguns de seus pacientes.

Segundo o autor da hipótese do inconsciente coletivo, os mandalas representam estruturas da psique profunda. Em conseqüência, desempenham um papel no processo central do inconsciente – processo que Jung chamou individuação. Jung construiu sua hipótese depois de ter notado que nos sonhos e visões de muitos pacientes os mandalas apareciam quando o processo de individuação estava culminando. A imagem espontânea do mandala corresponderia, portanto, a uma vitória espiritual, no sentido de que uma



O Nó de Leonardo. A complexa trama do universo à maneira de um mandala

parte do inconsciente coletivo (essa imensa zona da psique que ameaça a integridade da pessoa) foi assimilada e integrada pelo consciente.

Esta redescoberta inconsciente de um esquema iniciático não é isolada. Sabe-se que todos os grandes simbolismos místicos se manifestam espontaneamente em sonhos, alucinações e mesmo nos êxtases patológicos, nos quais já foram registrados símbolos e experiências de ascensão, de "marcha em direção ao Centro", descida aos infernos, morte e ressurreição, provações iniciáticas e mesmo os simbolismos complexos da alquimia.

A redescoberta espontânea dos mandalas pelo inconsciente deixa-nos uma indagação: cabe perguntar se, neste caso, o "inconsciente" não imitaria certos processos por meio dos quais o "consciente" – ou, em certos casos, o "transconsciente" – se esforça por obter a plenitude e conquistar a liberdade. ▲

Bibliografia

- *Teoria e Prática da Mandala*, Giuseppe Tucci, Editora Pensamento, São Paulo, s/d.
- *Sekoddesatica*, Nadapada (Naropa), Gaekwad Oriental Series, vol. XC, Baroda, 1941.
- *Elements of Buddhist Iconography*, Ananda K. Coomaraswamy, Cambridge-Harvard, 1938.
- *Mitos e Símbolos na Arte e Civilização da Índia*, Heinrich Zimmer, Editora Palas Athena, São Paulo, 1989.
- *Psichologie und Alchemie*, Carl Gustav Jung, Zurich, 1944.
- *L'Inde classique*, Louis Renou, Payot, Paris, 1944.

AMÉRICO SOMMERMAN

GÊNIO METAFÍSICO, FILÓSOFO DIVINO: JACOB BOEHME

Muito difundida no passado, mais citada do que conhecida no presente, a magnífica obra de Jacob Boehme começa finalmente a ser publicada no Brasil.

Jacob Boehme (1575-1624). Embora o nome seja conhecido e mesmo consagrado em meios filosóficos, literários e esotéricos, pouquíssimos são, hoje em dia, os que de fato leram ao menos uma de suas grandes obras. Recai sobre elas o estigma de serem extremamente obscuras.

Seria mais apropriado dizer que nossos tempos é que são obscuros, pois nos séculos anteriores a obra de Boehme chegou a ter grande repercussão. Exemplo disso é que foi lida por homens como Newton, Hegel, Schelling, Novalis, Tieck, Schopenhauer. A difusão foi grande na própria Alemanha, onde exerceu influência sobre toda a filosofia e grande parte do movimento romântico, e também na Inglaterra e Holanda. Por toda parte, vários dos homens mais qualificados intelectual e espiritualmente consideraram Boehme um dos mais poderosos gênios metafísicos da história da humanidade, chegando a alcunhá-lo "príncipe dos filósofos divinos".

Jacob Boehme nasceu na Alemanha, nas proximidades da cidade de Goerlitz, de pais humildes, que em sua meninice o encarregaram de cuidar do gado e mais adiante fizeram com que aprendesse o ofício de sapateiro, que exerceu durante quase toda a vida. Como resultado de uma série de experiências de iluminação e revelação que começaram ao redor de seus vinte anos, escreveu cerca de trinta poderosos tratados sobre Deus, a Criação e o homem.

AMÉRICO SOMMERMAN é tradutor na área das tradições espirituais, das quais é praticante. Entre os autores que já traduziu destacam-se, além de Jacob Boehme, Basarab Nicolescu, J. G. Gichtel e Patrick Paul.

Para sair um pouco do plano histórico e tornar Boehme mais presente e acessível, falarei de um encontro com sua obra.

Meu primeiro contato com ela se deu quando eu tinha vinte e dois anos, com a leitura de três pequenos tratados editados em espanhol que, depois dos Evangelhos, me deram as primeiras referências muito claras da via espiritual. Todavia, não cheguei, através deles, a suspeitar dos tesouros de conhecimento que poderia encontrar em suas primeiras e grandes obras. Só parti à procura delas dois anos mais tarde quando, lendo obras do "filósofo desconhecido" Louis Claude Saint-Martin, grande nome da espiritualidade ocidental do século XVIII, soube que não se considerava digno de amarrar os cadarços dos sapatos de Jacob Boehme e aprendera alemão aos cinqüenta anos apenas para lê-lo no original e traduzi-lo ao francês.

Encontrei providencialmente sua primeira obra, *A Aurora Nascente,* na tradução francesa do próprio Saint-Martin, e sua leitura foi o acontecimento mais importante em minha caminhada de retorno à origem celeste. Experimentei em minha própria alma o título dado à obra e o constatei verdadeiro: a luz se fez nas trevas e a vida venceu a morte. Em seguida empreendi a tradução de suas obras.

É antes de mais nada por essa experiência que posso afirmar que suas obras nada têm de obscuras. Muito pelo contrário, são desconcertantemente claras. Todavia, há dois pré-requisitos básicos para penetrá-las, ambos sempre repetidos pelo próprio Boehme.

O primeiro é estar no processo de regeneração, combatendo a sério as bestas do homem animal e psíquico e o dragão do ego, desejando nascer de novo do alto e a união com Deus. Sem isso, elas serão ou um escândalo para o leitor, ou ele discordará delas, a fim de afirmar suas próprias opiniões e seguir seus próprios desejos.

O segundo pré-requisito é a leitura de suas quatro primeiras obras na ordem cronológica: *A Aurora Nascente, Os Três Princípios da Essência Divina, A Tripla Vida do Homem* e *As Quarenta Questões sobre a Alma.* Pois cada uma estabelece o fundamento da subseqüente, de modo que é desaconselhável a leitura da coletânea de excertos. Estas obras podem ser encontradas em alemão, francês e inglês e a primeira também em espanhol.

A Revelação do Caminho – Além desse testemunho de um encontro pessoal com a obra de Boehme em nossos dias e sua dimensão histórica, outro motivo de sua grande atualidade é o fato de transcender, não na forma mas na essência, os limites da tradição cristã. A cosmogonia, cosmologia e escatologia nela encontradas são em tudo similares às descritas por todas as

Da obra de William Law, *The Works of Jakob Böhme*

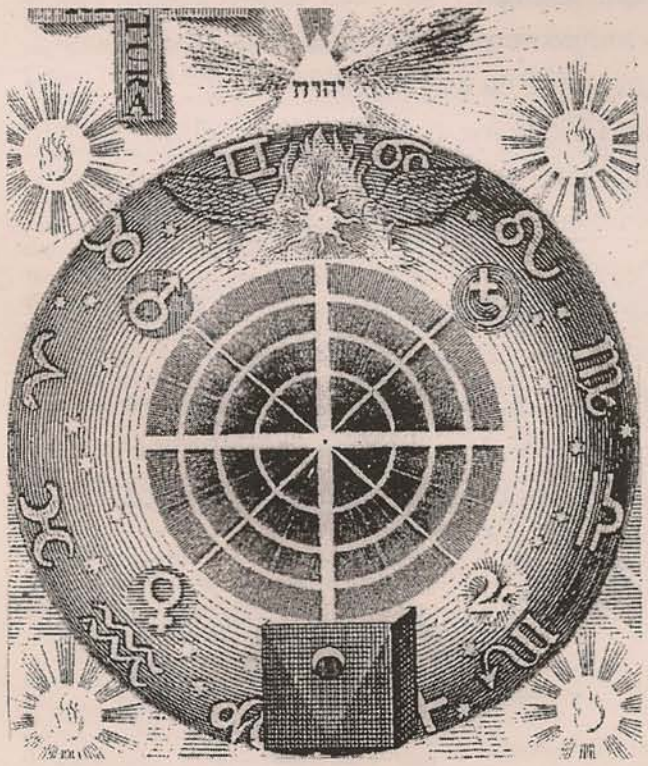
outras correntes do ensinamento tradicional: a pitagórica-platônica, a tradição judaica conhecida como cabala, a tradição islâmica conhecida por sufismo, a tradição hindu, entre outras. Mas não encontrei em parte alguma uma exposição tão detalhada, profunda e clara de todo esse processo cosmogônico, cosmológico e escatológico. No século XVIII, depois de ter concluído o curso de teologia na faculdade de Tübingen, o renomado teólogo e teósofo cristão Friedrich Christoph Oetinger (1702-1782) perguntou ao mais eminente cabalista judeu de Frankfurt o que deveria fazer para compreender os cabalistas. A resposta foi que deveria poupar-se desse trabalho e limitar-se ao texto da Bíblia, pois não seria capaz de chegar à sua compreensão. E que os cristãos possuíam um livro que tratava da cabala melhor (isto é, mais claramente) que o *Zohar* (obra máxima da cabala): a obra de Jacob Boehme.

Partindo do *Ungrud,* isto é, o Sem Fundo, a Divindade em Si mesma anterior a toda manifestação e diferenciação – cujo termo análogo na cabala judaica é *Ain Sof,* o Infinito, o Ilimitado –, Boehme descreve em suas obras, com muitíssimos detalhes, todo o processo de emanação do metacosmos, da criação do macrocosmos e da formação do microcosmos. O metacosmos abarca o conjunto dos mundos espirituais, começando no mundo das idéias arquetípicas e das forças supra-angélicas e terminando no mundo das

hierarquias angélicas. O macrocosmos ou grande mundo é o universo material temporal em que vivemos e que foi criado como resultado de uma alteração causada no metacosmos pela rebelião de uma das legiões angélicas. O microcosmos ou pequeno mundo é o homem, formado em sua origem a partir da totalidade dos estados de existência de toda a manifestação divina e mesmo para além dela, contendo em si, portanto, os níveis metacósmicos e macrocósmicos, passando os primeiros a ser apenas potenciais após sua queda.

Boehme em Português – Em abril de 1994 foi lançada pela Attar Editorial a primeira de minhas traduções das obras de Boehme, sob o nome *A Sabedoria Divina – O Caminho da Iluminação*. Trata-se do primeiro livro editado em língua portuguesa contendo tratados completos de Jacob Boehme. Reúne cinco pequenos tratados, sendo três de sua autoria, precedidos da mais consagrada de suas biografias e de um bom e claro ensaio sobre as concepções gerais do conjunto de suas obras.

A biografia foi escrita pelo amigo e discípulo Abraham von Frankenberg (1593-1652), que anos mais tarde viria a ser o mestre de Johanes Scheffer (1624-1677), mais conhecido sob o pseudônimo de Angelus Silesius, grande e renomado místico cristão, autor do livro *Viajante Querubínico*. É um relato bastante detalhado da vida de Boehme, inclusive de suas iluminações.



Capa de *A Assinatura das Coisas*

O segundo tratado do livro, contendo o ensaio sobre o sistema de Boehme, foi escrito por Adam Mickiewickz (1798-1855), considerado o maior poeta romântico polonês – nele se vislumbra a magnitude de sua obra.

Os três tratados de Boehme estão escritos em forma de diálogo e são fruto dos últimos anos de sua vida: *Sobre a Vida Supra-sensível* (1622), *Sobre o Céu e o Inferno* (1622) e *O Caminho que vai das Trevas à Verdadeira Iluminação* (1624). Se o leitor desejar, pode lê-los antes dos dois primeiros e então retornar àqueles para se informar sobre sua vida e sobre o que pode encontrar em suas outras obras. Embora não sejam tratados de puro conhecimento metafísico e teosófico (no verdadeiro sentido da palavra teosófico, conforme empregada desde Plotino) como suas grandes obras, versam sobre o caminho para se chegar a esse conhecimento – conforme destaca o subtítulo dado ao livro – e preparam a alma do leitor para a aproximação de suas outras obras. Só aqueles que seguirem a via ali descrita poderão verdadeiramente penetrá-las. Por isso, são das poucas obras de Boehme que podem ser lidas fora da ordem cronológica e, inclusive, as únicas editadas em vida. As outras, ele não permitiu que fossem editadas, deixando-as circular apenas em cópias manuscritas.

O livro termina com uma relação das obras completas de Jacob Boehme.

Além desta obra já editada está planejado para 1995 o lançamento, pela mesma editora, do livro *A Ciência, o Sentido e a Evolução – Um Ensaio sobre Jacob Boehme*, escrito pelo físico quântico contemporâneo Basarab Nicolescu, e também traduzido por mim. Nele, o autor sugere o diálogo entre os diferentes campos de conhecimento como a arte, a ciência e a tradição espiritual, em busca de uma transdisciplinaridade e de uma nova filosofia da natureza como única saída para o impasse em que se encontra a civilização atual. Para isso, estabelece um diálogo entre a mais nova física de partículas e a obra de Boehme, isto é, entre a ciência e a tradição, para afirmar a necessidade de que a física (da qual Nicolescu é um grande expoente) se abra para a ontologia e a metafísica (das quais Boehme seria um incomparável representante). E conclui que aquela teria muito a aprender com esta.

Este livro terá como apêndice mais três tratados completos de Boehme – *A Base Sublime e Profunda dos Seis Pontos Teosóficos, Mysterium Pansophicum* e *Sex Puncta Mystica* – do mais puro e alto conhecimento divino.

Eis aí Jacob Boehme! Para os humildes e claros de coração, manso e luminoso. Para os orgulhosos e escuros, severo e obscuro. Quem quiser que faça a prova e conheça a si mesmo. ▲

EPIFANIAS

Uma história do Talmude

Encontrava-se Rabi Meir na Casa de Estudos
quando morreram seus dois filhos.
Era *shabat,* dia de descanso, e Brúria, sua esposa,
não quis interromper-lhe a reza para avisá-lo.
Quando Rabi Meir retornou a casa, Brúria
lhe disse que precisava de um conselho para um
problema que a afligia:
"Há muito tempo emprestaram-me duas jóias
preciosas para que eu as cuidasse.
Eram tão lindas que me apeguei muito a elas.
Agora vieram pedi-las de volta.
Mas ficaram comigo tanto tempo que as sinto
minhas. Que devo fazer?"
"Mas como?", respondeu Rabi Meir, "você ficaria
com o que não lhe pertence? Se foram
emprestadas, têm que ser devolvidas."
"Foi o que aconteceu", contou-lhe então Brúria:
"Deus nos emprestou aquelas duas jóias preciosas,
e agora as quis de volta".

Adaptada do Talmude
Livro de sabedoria judaico

REVISTA THOT - Cupom de Assinatura

Valor: R$ 24,00 por 4 números

Desejo assinar a Revista THOT a partir do nº _____

Nome _____

Endereço _____

Nº _____ Complemento _____ Bairro _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Fone: ( ) _____ Profissão _____

Data: ___ / ___ / ___

Por favor, assinale abaixo a forma de pagamento de sua preferência:

☐ Cheque nominal à **Associação Palas Athena do Brasil** a ser enviado, em anexo, para Rua Leôncio de Carvalho, 99 - CEP 04003-010 - São Paulo - SP;

Cheque nº _____ Banco _____

☐ Débito em cartão de crédito: *American Express* ☐ *Sollo* ☐

Nº do cartão _____ Validade _____

Assinatura _____

REVISTA THOT - Cupom de Assinatura

Valor: R$ 24,00 por 4 números

Desejo assinar a Revista THOT a partir do nº _____

Nome _____

Endereço _____

Nº _____ Complemento _____ Bairro _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Fone: ( ) _____ Profissão _____

Data: ___ / ___ / ___

Por favor, assinale abaixo a forma de pagamento de sua preferência:

☐ Cheque nominal à **Associação Palas Athena do Brasil** a ser enviado, em anexo, para Rua Leôncio de Carvalho, 99 - CEP 04003-010 - São Paulo - SP;

Cheque nº _____ Banco _____

☐ Débito em cartão de crédito: *American Express* ☐ *Sollo* ☐

Nº do cartão _____ Validade _____

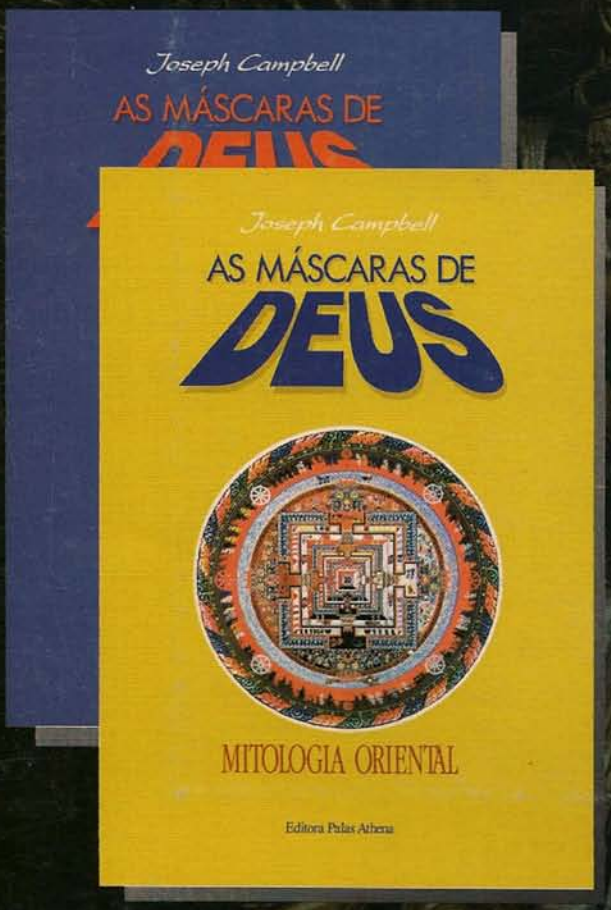
Assinatura _____

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

A Editora Palas Athena apresenta

AS MÁSCARAS DE DEUS *Joseph Campbell*

Volume I - MITOLOGIA PRIMITIVA
Volume II - MITOLOGIA ORIENTAL



Mitologia Primitiva - 418 páginas
Mitologia Oriental - 448 páginas

As Máscaras de Deus é uma obra em quatro volumes que retrata amplamente a instigante visão campbeliana das mitologias do mundo. Adepto da teoria difusionista, em As Máscaras de Deus Campbell se interessa por deslocamentos de povos em busca de espaços mais propícios. Desses movimentos geográficos e históricos, de que resultam superposições e sincretismos de crenças e mitos, extrai a confirmação da unicidade da raça humana, não só em termos biológicos, mas também espirituais.

O primeiro volume, Mitologia Primitiva, refere-se aos povos caçadores e coletores.

O segundo, Mitologia Oriental, lançado recentemente, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão.

A ser lançados, o terceiro volume compara temas de arte, rito e literatura ocidentais;

o quarto aborda a mitologia criativa – a esfera filosófica, espiritual e artística da cultura moderna: o homem como criador de sua própria mitologia.